

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Notas 14
de biblioteca

**A biblioteca pública
e a universidade:**

literatura brasileira no XXI

acervo, acesso, leitura e criação



LITERATURA
BRASILEIRA
NO XXI



Notas 14
de biblioteca



**A biblioteca pública
e a universidade:**

**literatura
brasileira no XXI**

acervo, acesso, leitura e criação

SP LEITURAS • SÃO PAULO • 2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca de São Paulo

B582

A biblioteca pública e a universidade: literatura brasileira no XXI – acervo, acesso, leitura e criação / Telles, Luís Fernando Prado; Nacaguma, Simone; Ruprecht, Pierre André... [et al]. Organizado por SP Leituras; ilustrador Siniscalchi, Fernando; Revisão Tikinet - São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, 2021.

4.435.633KB; PDF. (Notas de biblioteca; 14)

ISBN 978-65-89169-25-3

1. Literatura brasileira no XXI 2. Biblioteca Pública 3. Unifesp

I. Título. II. Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. III. Série.

CDD 020.4

Índices para o catálogo sistemático

1. Bibliotecas 020

2. Bibliotecas Públicas 027

2021

Todos os direitos desta edição reservados

à SP Leituras

Rua Faustolo, 576, Água Branca

São Paulo, SP, 05041-000

www.spleituras.org

Edição: Manuel da Costa Pinto

Projeto gráfico/diagramação: Passarim Design&Barulho

Ilustrações: Fernando Siniscalchi

Revisão: Tikinet

Notas 14
de biblioteca



**A biblioteca pública
e a universidade:**

literatura brasileira no XXI

acervo, acesso, leitura e criação



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



apresentação

a produção literária brasileira vive um momento de grande vitalidade com a proliferação de lançamentos dos mais variados gêneros em feiras, eventos, encontros, clubes de leitura, prêmios, cursos e oficinas. Os escritores, antes reclusos e distantes do público, passaram a usar a tecnologia, principalmente as redes sociais e a plataforma do YouTube, para interagir e se aproximar dos leitores. Nesse contexto de abundância de títulos, interatividade e grande interesse por obras literárias, nasceu, em 2020, o Literatura Brasileira no XXI, um projeto desenhado a quatro mãos pela SP Leituras e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com o objetivo de difundir os acervos da Biblioteca de São Paulo e da Biblioteca Parque Villa-Lobos e fomentar debates sobre a produção literária contemporânea.

Ao evidenciar textos e livros de autores nascidos ou literariamente ativos nas duas primeiras décadas do século XXI, o projeto visa associar o conteúdo presente nessas obras à realidade dos leitores, além de apresentar a eles outros universos possíveis, o que torna a leitura mais atrativa e prazerosa. A parceria com a Unifesp também possibilita a realização de uma série de oficinas de criação literária e palestras ministradas pelos professores e pelos alunos da universidade com o intuito de construir um espaço de diálogo entre o ambiente acadêmico



e o público em geral. Há ainda à disposição dos públicos um site com cardápio variado de textos, dissertações, críticas, entrevistas e podcasts.

Ao contrário do que se possa imaginar, as atividades não ignoram a produção literária de séculos anteriores, mas criam pontes entre os livros e os escritores das mais variadas décadas e vertentes, justamente para contextualizar as criações atuais e dar subsídios para a formação nos participantes do projeto de uma visão crítica em relação à literatura em geral.

Para expandir a atuação do Literatura Brasileira no XXI e criar ressonância nos programas culturais realizados nos equipamentos integrantes do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB), reunimos aqui vários artigos que perpassam a temática da literatura brasileira contemporânea. Assuntos relevantes para serem usados como inspiração para ações práticas, como o significado da literatura brasileira contemporânea, a formação e a divulgação de acervos, as práticas de leitura no espaço da biblioteca, a mediação e a programação cultural e a oferta de oficinas de criação literária e de crítica, além do legado deixado pela Semana de Arte Moderna de 22 nas obras da atualidade.

Muito mais do que dar acesso e valorizar as obras literárias contemporâneas, o projeto Literatura Brasileira no XXI tem como missão despertar o desejo pela leitura e fazer com que as pessoas se sintam verdadeiramente tocadas pela produção nacional. Afinal, a literatura é um espaço extremamente seguro para processar o autoconhecimento, o conhecimento do outro e o conhecimento de outras realidades. Um instrumento capaz de abrir caminhos para a construção de uma sociedade mais justa, pacífica e igualitária.

Boa leitura!

ÍNDICE



11

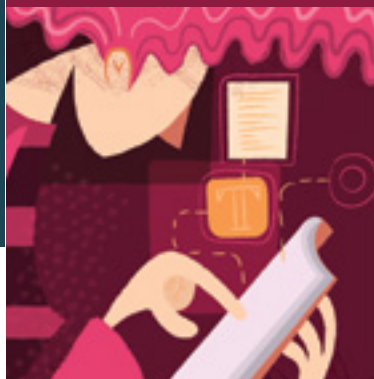
**O projeto
Literatura
Brasileira
no XXI**

LUÍS FERNANDO
PRADO TELLES, PIERRE
ANDRÉ RUPRECHT
E SIMONE NACAGUMA

29

**A Literatura
Brasileira
Contemporânea:
o que é?**

PABLO SIMPSON



41

**Do que é feita
a biblioteca
de Literatura
Brasileira
Contemporânea?**

RODRIGO SOARES
DE CERQUEIRA



53

**Práticas de
leitura literária
no espaço
da biblioteca:
conhecer, criar
e compartilhar**

RILDO COSSON



67

**Bibliotecas,
culturas e
educação:
mediações
necessárias**

AMANDA LEAL DE
OLIVEIRA E CARMEM
LÚCIA BATISTA

79

**Considerações
sobre a poesia
e a prosa de ficção
modernistas:
O Centenário
da Semana de
Arte Moderna
e o seu legado**

LEANDRO PASINI E
MIRHIANE MENDES
DE ABREU




91

**Escrevendo a
leitura: oficinas
de criação
literária e crítica**

PEDRO MARQUES





LUÍS FERNANDO PRADO TELLES,
PIERRE ANDRÉ RUPRECHT E
SIMONE NACAGUMA

O projeto Literatura Brasileira no XXI

O projeto Literatura Brasileira no XXI é fruto de um acordo de cooperação técnica estabelecido entre a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e a SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura. O projeto opera um trabalho integrado entre as duas instituições, no sentido da construção de um plano de curadoria do acervo sobre literatura brasileira atinente ao século XXI disponível na Biblioteca de São Paulo (BSP), localizada no Parque da Juventude (antigo presídio do Carandiru, zona norte da capital paulista), e na Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL), também na cidade de São Paulo, tendo como base a promoção da divulgação e do acesso ao acervo, bem como a produção e a criação que possa ser fomentada a partir dele.

O ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

Em março de 2019, a Unifesp e a SP Leituras assinaram um acordo de cooperação técnica, com vigência de cinco anos, que tem como objetivo desenvolver ações de extensão universitária que fortaleçam as atividades de ensino, pesquisa e produção de conhecimento

nos campos de ciências humanas, artes, letras, saúde e direitos humanos, sob uma perspectiva dialógica, envolvendo docentes e estudantes da Unifesp, os atores que constituem e fazem a SP Leituras e a comunidade de usuários das duas bibliotecas públicas do Estado de São Paulo sob sua gestão e a comunidade dos profissionais das bibliotecas integrantes do SisEB (Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo).

Ao longo de toda sua história, a universidade pública brasileira sempre foi objeto e palco de disputas entre diferentes projetos de educação e de sociedade, o que se expressa nos diferentes modos de entendimento sobre o seu lugar, a sua função e o seu compromisso com a sociedade.

A Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 207, materializou o princípio da *indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão* como paradigma de uma universidade socialmente referenciada. Em 2012, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão Universitária (FORPROEX) apresentou

às universidades brasileiras e à sociedade em geral a Política Nacional de Extensão Universitária, que materializou o compromisso da universidade pública com a transformação social. Esse importante documento resultou de amplo debate, ao longo de três anos (2009-2012), com ampla participação de dirigentes das universidades públicas brasileiras, e trouxe a lume o conceito de extensão universitária, seus princípios, diretrizes e objetivos.

Assim, segundo essa política, a extensão universitária, sob o princípio constitucional de sua indissociabilidade do ensino e da pesquisa, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 15). Dentre os seus objetivos principais, vale destacar dois deles, que consistem em elementos centrais dessa parceria: possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de

conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e ao desenvolvimento tecnológico e social do país; valorizar as ações de extensão interinstitucionais – sob a forma de consórcios, redes ou parcerias – e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade (*ibid.*, p. 5).

Reiterando e, ao mesmo tempo, aprofundando e consolidando essa

concepção de universidade, o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2014-2024, promulgado pela Lei Federal nº 13.005, de 25/06/2014, traz na estratégia 12.7, da meta 12 o estabelecimento da *extensão como componente formativo obrigatório em todos os cursos de graduação*.

É, pois, nesse contexto que a parceria se institui e se orienta com o seguinte plano de trabalho:

I | PROJETO LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E LITERATURAS ESTRANGEIRAS:

- Disponibilização de espaço e fonte primária para o aprofundamento teórico sobre produção literária; conteúdos e temas; autores e estilos; impactos sociais.
- Disponibilização de canal digital para desdobramentos e ampliação do alcance dos processos e resultados desse eixo.
- Realização de atividades com o público especializado e público em geral, como debates, palestras, seminários e eventos que provoquem discussões e confrontem pontos de vista.
- Discussão de obras literárias que compõem listas de leitura obrigatória dos grandes vestibulares.
- Criação de *audiobooks* e livros falados para disponibilização gratuita, tanto a deficientes visuais como ao público em geral.

II | DISCUSSÕES DE TEMAS E QUESTÕES DA CONTEMPORANEIDADE:

- Implementação do Projeto Filosofia na biblioteca.
 - Discussão de temas transversais.
 - Desenvolvimento de programa de ações afirmativas e políticas públicas de inclusão social.
 - População trans em vulnerabilidade social.
 - Desenvolvimento de games.
 - Desenvolvimento de cursos e atividades voltados à pessoa idosa.
 - Curadoria de exposições de arte e fotografia.
 - Ensino de Libras e de outros idiomas (formação interna e introdutória a usuários).
-

A CONCEPÇÃO DO PROJETO LITERATURA BRASILEIRA NO XXI

Antes de ser resultante do encontro de instituições, o projeto tem seu nascedouro a partir do encontro de pessoas promovido pela literatura. Tudo começa quando Pierre André Ruprecht, diretor executivo da SP Leituras, e o professor de teoria literária da Unifesp, Luís Fernando Prado Telles,

ambos apresentados pela professora Lígia Fonseca Ferreira, por conta do trabalho que desenvolviam no âmbito do Prêmio São Paulo de Literatura de 2017, começam a pensar em possíveis parcerias que poderiam vir a ser desenvolvidas em conjunto. Tão logo as ideias passaram a ganhar corpo e a serem rascunhadas, a professora Simone Nacaguma, também da Unifesp, da

área de literatura portuguesa, se juntou aos trabalhos de preparação e de gestação da parceria da qual resultaria o projeto. Por conta dos esforços conjuntos de Pierre, do lado da SP Leituras, e de Simone, do lado da Unifesp, à época coordenadora de programas e projetos da Pró-Reitoria de Extensão da universidade, o Acordo de Cooperação N° 291/2018, descrito anteriormente, pôde ser oficialmente celebrado em 08/03/2019.

A partir de então, estabeleceram-se as bases oficiais para o planejamento e a execução de iniciativas de várias naturezas. Dentre os projetos que vinham sendo gestados já ao longo de todo o ano de 2018, o que se apresentava mais maduro e viável em termos de implementação foi o que se concretizou no *Literatura Brasileira no XXI*, agora já contando com a participação de Pedro Marques e Rodrigo Soares de Cerqueira, ambos professores de literatura brasileira da Unifesp.

Em certo sentido, o projeto foi motivado por demandas comuns do Departamento de Letras da Unifesp

Dentre os projetos que vinham sendo gestados já ao longo de todo o ano de 2018, o que se apresentava mais maduro e viável em termos de implementação foi o que se concretizou no *Literatura Brasileira no XXI*, agora já contando com a participação de Pedro Marques e Rodrigo Soares de Cerqueira, ambos professores de literatura brasileira da Unifesp.

Definiu-se o recorte contemporâneo que formaria o escopo do projeto, as produções literárias das primeiras duas décadas do século XXI - o que pode incluir produções tanto de autores nascidos ou que tenham publicado/estreado no século XX quanto aqueles nascidos neste início de milênio.

e da SP Leituras. Antes mesmo do estabelecimento do acordo técnico de cooperação, já havia no planejamento estratégico de gestão da SP Leituras a previsão da proposição de ações voltadas ao acervo das duas bibliotecas mencionadas, ancoradas no tripé acesso, discussão e produção. Para tanto, havia, em seu horizonte, a criação de um site na internet destinado à promoção de tais ações voltadas ao acervo de literatura brasileira contemporânea, principalmente porque o acervo conta com grande quantidade de obras que podem ser enquadradas nessa categoria e que recebera reforço significativo devido à doação de livros, então recente, realizada pelo jornalista Manuel da Costa Pinto, que passou a tomar parte do projeto. A partir daí, definiu-se o recorte contemporâneo que formaria o escopo do projeto, as produções literárias das primeiras duas décadas do século XXI - o que pode incluir produções tanto de autores nascidos ou que tenham publicado/estreado no século XX

quanto aqueles nascidos neste início de milênio.

Já do lado do curso de letras da Unifesp, sempre houve a demanda por ações que envolvessem docentes e discentes em atividades voltadas à promoção da reflexão sobre a produção contemporânea de literatura brasileira que se colocasse para além dos muros da universidade, além de serem alimentadas por elementos externos a ela. Ou seja, ações que propusessem diálogo com outros

setores da sociedade, capazes de gerar textos críticos, desde os mais ligeiros, como resenhas, até os mais densos, como os artigos acadêmicos. O Plano Nacional de Educação de 2014-2024 (PNE, MEC, 2014), em sua Meta 12, estratégia 12.7, passou a exigir das instituições de ensino superior modos de formalização da atribuição de créditos curriculares para extensão universitária – a chamada curricularização da extensão. Ou seja, os cursos de graduação deveriam assegurar



ao menos 10% de seus créditos curriculares em programas e projetos de extensão universitária.

Essa exigência legal acabou por se constituir na força motriz para que o projeto *Literatura Brasileira no XXI* viesse à tona. Pensou-se inicialmente, no curso de letras, na possibilidade de criação de um blog que pudesse servir como plataforma, tanto de debate quanto de produção, sobre literatura brasileira contemporânea, que fosse alimentado pela produção discente

sob a orientação dos docentes, além de poder abrigar também uma já abundante produção dos alunos dos cursos de letras resultante de demandas acadêmicas – como trabalhos vinculados a pesquisas e às disciplinas de graduação e de pós-graduação –, bem como da produção literária espontânea propriamente dita.

O convênio firmado entre SP Leituras e Unifesp permitiu, portanto, a aproximação entre as instituições e, conseqüentemente, o conhecimento de que havia projetos coincidentes sendo gestados paralelamente. Desse modo, a ideia inicial da criação de um blog de literatura brasileira por parte dos docentes e discentes do curso de letras da Unifesp acabou por ser integrada ao projeto de criação de um site sobre literatura brasileira que era arquitetado pela SP Leituras. Nesse sentido, os docentes da Unifesp passariam a auxiliar na curadoria do acervo de literatura brasileira contemporânea disponível nas duas bibliotecas geridas pela



SP Leituras e proporiãam ações que viabilizassem tanto a divulgação, o acesso e a criação a partir do acervo como diretrizes para a sua ampliação. Estabeleceram-se, pois, no horizonte do projeto, objetivos gerais que pudessem servir de norte para as ações:

- Promover a divulgação do acervo de literatura brasileira contemporânea disponível na Biblioteca de São Paulo e na Biblioteca Parque Villa-Lobos;
- Promover o acesso ao acervo de literatura brasileira contemporânea disponível na Biblioteca de São Paulo e na Biblioteca Parque Villa-Lobos;
- Proporcionar a criação e a circulação de crítica e de literatura brasileira contemporânea;
- Possibilitar a construção de um espaço de referência para o debate sobre literatura brasileira contemporânea;
- Possibilitar o desenvolvimento das atividades dos docentes e discentes envolvidos com o trabalho de monitoria junto às unidades curriculares de literatura dos cursos de letras da Unifesp;
- Viabilizar a implantação da curricularização da extensão nas disciplinas de literatura dos cursos de letras da Unifesp;
- Possibilitar a construção do diálogo entre o universo acadêmico e a comunidade de leitores da literatura contemporânea brasileira por meio de ações extensionistas;
- Desenvolver cursos de formação para o público em geral e para as equipes das bibliotecas públicas municipais integrantes do SisEB.

Para se atingir tais objetivos, foram construídos três projetos de extensão na Unifesp, cadastrados e credenciados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp, respectivamente denominados de

Literatura Brasileira no XXI: oficinas de criação; Literatura Brasileira no XXI: oficinas de crítica; e Literatura Brasileira no XXI: cadernos acadêmicos. A partir de tais projetos estruturaram-se as principais ações postas em prática pela parceria. Uma vez em funcionamento, os três projetos passam a integrar um programa de extensão que leva o nome de *Literatura Brasileira no XXI*. Essas três linhas de ação de extensão compõem, de certa maneira, a espinha dorsal do site intitulado *Literatura Brasileira no XXI*: <https://lbxxi.org.br/>.

A IMPLEMENTAÇÃO

A SP Leituras somou ao projeto toda a expertise na produção e divulgação cultural ligadas às duas bibliotecas e ao SisEB, o que possibilitou a concretização do site *Literatura Brasileira no XXI*, que veio a público em 30 de setembro de 2020 e passou a se estabelecer como lugar de referência para promoção das ações geradas pelos três projetos de extensão mencionados.

A construção de um site denominado *Literatura Brasileira no*

XXI destina-se a promover, em linhas gerais, maior divulgação e acesso do público às obras compreendidas sob esse escopo e que constam do acervo das duas bibliotecas mencionadas. Além disso, tal site também teve como objetivo abrangente tornar esse acervo mais vivo, promovendo o debate acerca dele, bem como fomentar e servir de suporte à produção de conteúdo a partir do diálogo com tal acervo, tanto na perspectiva da crítica, por meio da produção de resenhas e artigos, quanto na perspectiva da criação artístico-literária. O projeto conta com quatro grandes curadorias, compostas pelos profissionais da SP Leituras das duas bibliotecas envolvidas, docentes e discentes da Unifesp: 1. Curadoria Institucional, responsável pelas ações estratégicas do programa e pelas relações entre as instituições; 2. Curadoria de Acervo e de Conteúdo, responsável pela curadoria do acervo e pela produção de conteúdo que alimenta o site; 3. Curadoria de Comunicação, responsável pela concepção do layout e da identidade

visual do site, pela edição das notícias veiculadas e pela divulgação das ações do programa, inclusive mídias sociais; 4. Curadoria de Tecnologia da Informação, responsável técnica pela viabilização do site.

O site se caracteriza como publicação periódica e por ele é possível acessar: a publicação mais recente, por meio da aba *Home*; um breve descritivo da natureza do projeto e da equipe envolvida, em *Quem somos*; canais de diálogo “Fale conosco” e “FAQ”, por meio da aba *Contato*. O cerne do site, contudo, encontra-se em cinco abas principais: *Publicações*, *Acervo*, *Agenda*, *Notícias* e *Para ver e ouvir*.

Na aba *Acervo*, é possível conhecer melhor os temas abordados mensalmente pelo site, encontrar dicas de leituras pertinentes aos respectivos temas e ter acesso aos acervos das duas bibliotecas. Pela aba *Agenda*, o usuário pode ter acesso às divulgações sobre eventos do projeto e outros pertinentes ao seu escopo, com indicações de datas e prazos. Já a aba *Notícias* reúne informações

O site também teve como objetivo abrangente tornar esse acervo mais vivo, promovendo o debate acerca dele, bem como fomentar e servir de suporte à produção de conteúdo a partir do diálogo com tal acervo, tanto na perspectiva da crítica, por meio da produção de resenhas e artigos, quanto na perspectiva da criação artístico-literária.

Das oficinas de crítica, podem originar-se artigos, ensaios, resenhas; já das oficinas de criação, podem originar-se poemas, contos, crônicas e textos nos demais gêneros literários.

relevantes e novidades do universo da literatura brasileira no século XXI; enquanto a aba *Para ver e ouvir* oferece ao usuário uma seleção de vídeos e *podcasts* sobre literatura com gama variada de temáticas e recortes.

A aba *Publicações* é dedicada, prioritariamente, à divulgação das ações desenvolvidas pelo projeto, que se organizam em torno de temas que se renovam mês a mês, os quais são apresentados na aba

Destaques. Desde o lançamento do site, em setembro de 2021, figuraram no debate sobre literatura brasileira no século XXI temas organizadores formulados a partir de efemérides comemoradas no meses seguintes, como: Literatura e esporte; Mulheres na literatura; Literatura pode ser cura?; Consciência da literatura negra no Brasil; Direito à leitura; Leitor de canção; Carnaval em prosa e verso; Poesia: essa musa; Um brinquedo chamado livro; Personagens do trabalho; Literatura LGBTQIA+; A ciência da leitura; Indianismos na literatura; Analfabetos personagens da literatura; Professores personagens da literatura; Abolicionistas na literatura; Máscaras literárias.

A partir dos temas organizadores, são propostas ações de extensão desenvolvidas nos projetos de extensão da Unifesp e operacionalizadas conjuntamente pelo setor de programação cultural das bibliotecas. Das ações de extensão dos projetos *Literatura Brasileira no XXI: oficinas de criação* e *Literatura Brasileira no XXI: oficinas de crítica*, originam-

se os textos que são publicados nas abas *Crítica* e *Criação*. Nessas abas, são publicados tanto os editoriais produzidos pelos professores responsáveis pelas oficinas de cada tema quanto textos de alunos participantes das oficinas, que podem acontecer de modo remoto (on-line) ou nos espaços das duas bibliotecas e da universidade. Tais oficinas são abertas ao público interessado em geral e são todas gratuitas. Das oficinas de crítica, podem originar-se artigos, ensaios, resenhas; já das oficinas de criação, podem originar-se poemas, contos, crônicas e textos nos demais gêneros literários.

Por fim, ainda na aba *Publicações*, o usuário poderá acessar a revista acadêmica *Cadernos Acadêmicos: conexões literárias*. Estruturada a partir do OJS (Open Journal Systems, software para gerenciamento de periódicos acadêmicos), é destinada à divulgação de produções acadêmicas que contemplem a temática coberta pelo site e que possam ter como objeto obras do acervo em questão. A revista se constitui como produto



do projeto de extensão da Unifesp sob o nome *Literatura Brasileira no XXI: cadernos acadêmicos*, que se configura como um Laboratório de Produção Editorial, de modo que os discentes possam contribuir não apenas com a publicação de seus textos, como usuários da revista, mas também com o processo editorial, podendo atuar em conjunto com os docentes em todas as fases de produção de uma revista acadêmica.

Cadernos Acadêmicos: conexões literárias é um periódico de publicação semestral, exclusivamente eletrônico, destinado à divulgação de trabalhos resultantes de pesquisas sobre literatura, de circulação nacional e internacional. A revista conta com cinco editores: além dos quatro professores que já atuavam no projeto desde seu início, somou-se a participação da professora Francine Weiss Ricieri, também professora de literatura brasileira na Unifesp. Além disso, merece destaque o fato de que a revista conta com um conselho editorial

formado por professores e pesquisadores de diversas instituições brasileiras e estrangeiras.

A revista pretende se constituir como um espaço de divulgação da produção acadêmica de docentes, discentes e pesquisadores em geral sobre literatura contemporânea, com ênfase na literatura brasileira produzida no século XXI, bem como sobre as demais literaturas de língua portuguesa. Além disso, a revista também pretende incorporar produções acadêmicas com perspectivas contemporâneas sobre as literaturas produzidas em outras línguas e em outros tempos e em diálogo com outras artes, acolhendo artigos, ensaios, relatos de experiência, depoimentos, resenhas, entrevistas, traduções e criação literária, de acordo com as seguintes categorias: Literatura brasileira; Literaturas de língua portuguesa; Literaturas em outras línguas em diálogo com as literaturas de língua portuguesa; Literaturas de outros tempos

(...) há tentativas para considerar o que viria a ser o contemporâneo. Elas partem da percepção de um espaço como esse, de notável pluralidade e fragmentação de nossa sociedade, atentas aos modos como esse espaço é figurado em obras literárias

em diálogo com as literaturas de língua portuguesa; Literatura e suas relações com outras artes e linguagens; Ensino de literatura, leitura e mediação.

PERSPECTIVAS

A parceria entre Unifesp e SP Leituras já vem materializando projetos de extensão de grande envergadura acadêmica e social, cujos impactos ainda não são passíveis de ser completamente mensurados sistematicamente, mas indicam um amplo alcance de público, em sua grande diversidade

de origem, classe, formação, idade e gênero. Todavia, como evidencia o seu Plano de Trabalho, há ainda uma série de ações e propostas a serem concebidas visando à materialização dos demais itens previstos.

A inserção da extensão nas matrizes curriculares dos cursos de graduação compreende e efetiva a *extensão como componente formativo* ao lado das disciplinas e dos estágios supervisionados. Essa proposta alinha-se às diretrizes curriculares para o ensino superior que visam minimizar a desmotivação dos estudantes, relacionada à distância entre a

formação oferecida na universidade e os ambientes profissionais em que atuarão, por meio do estabelecimento de diálogos ativos com o mundo do trabalho. Além disso, consolida de forma mais profunda e mais qualificada o princípio da *indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*, o que, vale dizer, constitui um desafio e uma meta permanente de todo o ensino superior.

A *extensão como componente formativo* (re)afirma e explicita a articulação dos conteúdos curriculares com a prática profissional, por meio de um diálogo direto e efetivo da universidade com a sociedade, possibilitando aos

estudantes de graduação e de pós-graduação a experiência de novas dinâmicas de aprendizagem, em maior consonância com o dinamismo e o pulsar da vida em sociedade. Isso porque não faz sentido pensar em educação fora de uma comunidade claramente instituída.

A presente parceria, portanto, ciente de seu lugar e importância na sociedade, busca o cultivo, a construção e a materialização de uma proposta de educação cidadã, de intervenção social e de promoção da cultura de forma mais ágil e imediata, sem, contudo, abster-se da qualidade e da profundidade reflexiva que é própria à universidade.

REFERÊNCIAS

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX 2012. Política Nacional de Extensão Universitária. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>

Plano Nacional de Educação. Ministério da Educação/Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE). *Planejando a próxima década: conhecendo as 20 Metas do PNE*, 2014.

SOBRE OS AUTORES



LUÍS FERNANDO PRADO TELLES

É professor de teoria literária da Unifesp. Possui bacharelado e licenciatura em letras, mestrado e doutorado em teoria e história literária pela Unicamp e desenvolveu pesquisa de pós-doutorado pela USP. Tem experiência de ensino e pesquisa nas áreas de letras, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria da literatura, teoria do romance, teoria da narrativa, narrativa contemporânea em literaturas de língua portuguesa. É corresponsável pelo projeto Literatura Brasileira no XXI.



PIERRE ANDRÉ RUPRECHT

É administrador pela Fundação Getúlio Vargas. Foi professor de metodologia da pesquisa em comunicação, atuou na área de multimeios e formação, foi coordenador geral da assessoria da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e dirigente de planejamento em empresas e projetos na área cultural. Desde 2011 atua como diretor executivo da SP Leituras, organização social focada em leitura, bibliotecas, cultura e conhecimento. A instituição é responsável pela gestão, para a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado, da Biblioteca de São Paulo (BSP), Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB).



SIMONE NACAGUMA

É doutora em teoria e história literária pela Unicamp, mestre em literatura portuguesa pela USP e bacharel em teoria e história literária pela Unicamp. É docente de literatura portuguesa na Unifesp, onde coordena a Comissão de Curricularização da Extensão e, atualmente, desenvolve projeto de pós-doutoramento sobre literatura e saúde mental. É corresponsável pelo projeto Literatura Brasileira no XXI.



PABLO SIMPSON

A literatura brasileira contemporânea: o que é?

É muitas vezes curiosa a sensação de ligar o rádio e trocar, de tempos em tempos, de estação. Ou de zanzar entre as páginas de *streaming* de videoclipes. Saltar de uma canção romântica dos anos 80 ao sertanejo recém-lançado, que alterna elementos desse mesmo romantismo com formas inesperadas, o *reggaeton*, por exemplo, ritmo caribenho com um tanto de salsa, outro tanto de *hip hop*. Inspirado, além disso, o sertanejo, por uma representação do mundo rural já antiga, com uma voga literária no Brasil que vem desde o século XIX: “Chora, chora na viola, violeiro do sertão”, diria Castro Alves (2000: 255). E pular para a música dos anos 60. Ouvir, de repente, um samba-canção de Chico Buarque numa versão *jazz* tocada um por um trio instrumental e, pouco depois, num arranjo *lounge* com bateria eletrônica. E tudo isso talvez em poucos minutos, com o rádio ligado numa mesma cidade, num mesmo tempo histórico, com suas playlists organizadas por eventuais programadores nascidos com poucos anos de diferença. Contemporâneos, diríamos: pertencentes ao mesmo tempo.



Quando passamos à literatura, pode-se ter a mesma sensação ao entrar numa livraria ou biblioteca. E olhar para o que está disperso na bancada da entrada, ainda que, por vezes, submetido a lógicas comerciais. Ou sobre as mesas de leitura. No primeiro caso, poderíamos nos ver diante de lançamentos como *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, de reedições da poesia de Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski, ao lado de livros de outros países, romances policiais e tantos outros de autoajuda. Na biblioteca, talvez seja possível encontrar obras de Machado de Assis e Hilda Hilst ao lado de outras recentíssimas, abertas pelo leitor

aventuroso, que procura aquelas para as quais não se consolidou ainda um espaço de valorização crítica. A sugestão da capa, um título, o acaso fizeram com que chegassem às suas mãos, sem que estivesse atento à data de publicação, como se não lhe fosse indispensável determinar a sua cronologia.

Desdobrada para a circulação de livros em formato digital, para os fascículos sobre literatura, os *podcasts*, os *blogs* e redes sociais, que difundem textos breves como contos e poemas ou os saraus, *slams*, transmissões on-line, a sensação desse tempo fica ainda mais complexa. Uma entrevista com

um escritor de hoje talvez confirme essa complexidade. Poderá dizer que escreve com as preocupações de nosso tempo, mas que busca formas de diálogo ou inspiração noutras artes, como o cinema, ou noutro tempo, para escrever o que talvez se leia ou se ouça ou se veja, assumindo diferentes modos de difusão da literatura: a canção, por exemplo, ou o vídeo. E que talvez se leia numa linguagem cujo efeito será o da oralidade. É possível que escreva, além disso, sobre outro tempo, dando-nos a impressão de que saímos momentaneamente do nosso, ou para outro, com a esperança de encontrar leitores que nem seremos nós.

Contar a história de uma literatura, dar forma narrativa à sucessão de obras que são escritas num certo espaço que definimos como nacional ou brasileiro não é, portanto, uma tarefa simples. Envolve um sem-número de dificuldades. A primeira delas, selecionar de uma ampla variedade de livros ou autores que merecem

Trata-se de selecionar os grandes livros como quem faz um sumário dos acontecimentos de uma década. Porém, sem que se mencionem guerras, pandemias, terremotos. Pretende-se, antes, escolher o que há de melhor ou mais belo ou mais determinante, com critérios que podem ser compartilhados com outros leitores ou críticos.

adentrar o cânone – palavra de uso religioso: os santos “canonizados”, os livros reconhecidos como sagrados – ou o panteão da história literária, que não é necessariamente a História com letra maiúscula, embora se relacione com ela. Ambas são narrativas, seletivas, e constroem-se muitas vezes mediante uma lógica que pode ser a do progresso, com a ideia de que o tempo posterior

corrige ou aperfeiçoa o que veio antes. Trata-se de selecionar os grandes livros como quem faz um sumário dos acontecimentos de uma década. Porém, sem que se mencionem guerras, pandemias, terremotos. Pretende-se, antes, escolher o que há de melhor ou mais belo ou mais determinante, com critérios que podem ser compartilhados com outros leitores ou críticos. E, por isso, uma seleção que está permanentemente sob revisão, constituindo um lugar de disputas determinado não apenas pelo tempo em que essas obras foram escritas, mas pelo tempo daqueles que escrevem a sua história. Um escritor importantíssimo, cuja obra mereceu inúmeras edições, nem sempre constará de uma história literária escrita anos mais tarde.

A segunda dificuldade é dar uma coerência a essa escolha, articulá-la com outras e com o próprio tempo em que essas obras foram escritas. Quando voltamos ao início da literatura romântica brasileira, que coincide com o movimento de

Quando voltamos ao início da literatura romântica brasileira, que coincide com o movimento de emancipação política do Brasil frente a Portugal, em 1822, é irresistível procurar obras que representem esse momento.

emancipação política do Brasil frente a Portugal, em 1822, é irresistível procurar aquelas que representem esse momento, num esforço de dar coerência pela via da História a uma outra história, que é a da literatura. E a sensação pode ser a de que estamos diante de obras que partilham também de temas, convenções, modelos: o longo poema narrativo indianista, a homenagem às grandes figuras políticas ou artísticas, a representação idealizada da mulher, as múltiplas formas fixas (como a balada), as figuras de linguagem (como a antítese, que opunha, frequentemente, paraíso natural e inferno social), certo vocabulário, um tipo de narrador, um modo de construir histórias com a perspectiva heroica de seus protagonistas. A divisão da literatura brasileira romântica em três fases diz respeito a algumas dessas convenções. Identifica na terceira fase, por exemplo, a figura do poeta como tribuno público imbuído de uma missão civilizadora e de uma linguagem correspondente a essa missão.

Trata-se de uma coerência que chamamos também de periodização, que tem a vantagem de representar para nós, às vezes com poucas palavras, os atributos principais de uma época. Michael Löwy e Robert Sayre, a título de exemplo, viram no romantismo a nostalgia e a revolta contra as forças produtivas do capitalismo: “Progresso a que perguntamos: Aonde vai? o que quer?/ Que esmaga a juventude em flor”, afirmaria Victor Hugo no poema “Melancolia”, do livro *As contemplanções* (em francês: “*Progrès dont on demande: ‘Où va-t-il? que veut-il? Qui brise la jeunesse en fleur!’*”; tradução minha). Para René Wellek e Austin Warren, o período torna-se um ente cuja natureza há de se intuir. Para isso, a historiografia literária se servirá de obras de referência com maior capacidade integradora.

E daí uma dificuldade adicional, que é o fato de que muitas vezes essas obras recebem o seu valor justamente por uma distância com relação à expectativa inicial de seus

leitores ou de seu tempo. Produzem estranhamento, surpreendem, chocam. Trata-se de um processo de familiarização seguida de mudança, fazendo da obra mais nova não mais a representante de um período ou escola, mas a sua exceção.

Caberá à história literária oferecer perspectiva, em sua forma narrativa, a essas sucessivas transformações de horizontes de expectativa, num jogo tão mais difuso quanto mais sabemos que considerar a recepção de textos literários significa abstrair uma categoria de público. Aqueles que escreveram sobre as obras, leitores anônimos, ou outros que possam tê-las adquirido sem necessariamente lê-las? E, ainda mais, quando sabemos que grandes obras literárias escapam a determinações de seu tempo, seguem surpreendendo anos mais tarde: o *Fausto*, de Goethe, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Pensar a relação entre a literatura brasileira e o contemporâneo é tarefa, portanto, das mais complexas. Deve-se, para além

das dificuldades mencionadas, à pouca distância que temos para oferecer dela uma história, sem tempo suficiente para que alguns percursos críticos se consolidem em torno de obras e autores. Caminhos como os que percorremos, que problematizam histórias literárias na esteira de reflexões como a de David Perkins em *Is literary history possible?* (1993), trazem desconfianças quanto ao próprio modelo historiográfico, que coincide, ademais, com um modo privilegiado da difusão do saber em nossos tempos digitais, que não é mais a história, porém a enciclopédia. E não uma enciclopédia comum; é talvez infinita como a biblioteca de Babel de Jorge Luis Borges, com o acesso que temos cada vez mais amplo à produção literária de um país continental como o nosso.

ESPAÇOS DE LEGITIMAÇÃO

Não bastasse isso, espaços de legitimação do literário, antes quase restritos às colunas de jornal, viram-se multiplicados pela expansão dos

Há tentativas para considerar o que viria a ser o contemporâneo. Elas partem da percepção de um espaço como esse, de notável pluralidade e fragmentação de nossa sociedade, atentas aos modos como esse espaço é figurado em obras literárias.

canais de difusão de literatura e da crítica universitária, num momento em que essa crítica abdicou, em grande medida, da articulação de panoramas ou sínteses gerais, como consequência de um modelo de especialização da pesquisa em literatura.

Apesar disso, há tentativas para considerar o que viria a ser o contemporâneo. Elas partem da percepção de um espaço como esse, de notável pluralidade e fragmentação de nossa sociedade, atentas aos modos como esse espaço é figurado em obras

literárias. Poderíamos falar de uma fragmentação que talvez se dê em diferentes âmbitos: na sensação de um presente descontínuo, com seus narradores instáveis, buscando situar-se face a experiências de mundo cada vez mais díspares e cujo sentido pretendem encontrar, embora afirmando-nos a sua opacidade.

Outro âmbito seria o da própria linguagem, alternando registros, vozes, modos poéticos. Um livro como *Siameses* (2021), de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, fará um percurso por contos que são

também poemas, aforismos, numa espécie de poética do fragmento cuja formulação data do romantismo alemão, porém reatualizada mesmo no interior de um longo romance em dois volumes. Traz-nos sentidos que serão, por vezes, de provisoriedade e inacabamento. Num de seus trechos, é possível observar uma fragmentação das coisas, dos restos/cacarecos que são o mundo, os textos e o próprio eu:

... como se um indivíduo fosse todos e ninguém, enquanto um discurso seria todos os textos, mas também suas páginas em branco, e assim por diante, entende?,

porque estamos falando de tomás, do que aconteceu com ele,

e falamos de nós, falamos das paixões, do trabalho, dos cacarecos amontoados que vão formando a vida mesma, empilhada de nós, amarrada de eus

(Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, *Siameses*, p. 290)

Em *Teste de resistores* (2014), de Marília Garcia, tal fragmentação, com seus “cortes”, surge num ir-e-vir teórico-crítico, fazendo do texto um espaço de leitura de outros textos, de reflexão sobre si e os outros, num presente do poema que é um pensar ou questionar o que seria da própria natureza do poético:

*giorgio agamben diz que
no cinema
a montagem é feita de dois processos corte
e repetição
parece que giorgio agamben
está falando de poesia*

(Marília Garcia, *Teste de resistores*, p. 16)

O contemporâneo seria, assim, uma pletera de linguagens abertas a outras formas de discurso, mas também a afirmação de sua condição de linguagem. Não à toa, um dos paradigmas centrais para pensar o contemporâneo é o da tradução, entendida como um espaço do equívoco (as palavras são de Viveiros de Castro), “não para desfazê-lo, o que

suporia que ele nunca existiu, mas, muito ao contrário, para potencializá-lo, abrindo e alargando o espaço que se imaginava não existir entre as linguagens” (2018: 90).

São caminhos que parecem, por vezes, apontar para uma atualização das vanguardas artísticas do início do século XX, com seus diálogos interartes ou formas de certo

dinamismo. Porém atravessadas por um lugar do literário que pode ser, igualmente, a dificuldade de narrar frente a uma velocidade incompatível com a percepção do eu, disperso no fluxo. Dificuldade de um tempo, o nosso, diria Byung-Chul Han, “pós-narrativo (...), não a narrativa mas sim a contagem determina a nossa vida” (2021: 48).



São caminhos que não nos fazem esquecer, portanto, que o contemporâneo talvez seja uma recusa ao tempo presente, ou a modos da experiência do tempo que se constituam pela narração ou pela representação. Questionam, com isso, alguns estatutos do próprio literário, de sua linguagem, de sua

função. Fazem da literatura um campo de tensões, inclusive políticas, transitando do utópico ao distópico, do narrativo ao fragmentário, do possível ao impossível, do determinado ao indeterminado, retirando desse tempo presente – do contemporâneo – a sensação de sua aparente visibilidade.

SOBRE O AUTOR

PABLO SIMPSON



É poeta, tradutor e professor do Departamento de Letras Modernas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/Campus de São José do Rio Preto) da Unesp. Doutor em teoria literária pela Unicamp, foi bolsista de pós-doutorado da Fondation Maison des Sciences de l'Homme (Paris) e da Fapesp. É autor de *O tio da caminhonete* (Editacuja, 2021), *O rumor dos cortejos: poesia cristã francesa do século XX* (Unifesp, 2012), *Antologia da poesia árcade brasileira* (Companhia Editora Nacional, 2007) e *Rastro, hesitação e memória: o tempo na poesia de Yves Bonnefoy* (Editora da Unesp, 2016). Publicou também estudos sobre poesia brasileira contemporânea e literatura brasileira do século XIX.

REFERÊNCIAS

CASTRO ALVES, Antônio de. *Espumas flutuantes e Os escravos*. Introdução, organização e fixação do texto por Luiz Dantas e Pablo Simpson. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FIGUEIREDO FERREIRA, Antonio Geraldo. *Siameses*. Curitiba: Kotter Editorial, 2021.

GARCIA, Marília. *Teste de resistores*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor de hoje*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

HUGO, Victor. *Les contemplations*. Tome 1 – “Autrefois”: 1830-1843. Paris: Michel Lévy/Pagnerre, 1856.

LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*, tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

PERKINS, David. *Is literary history possible?* Johns Hopkins University Press, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu/n-1 edições, 2018.

WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*, apud BARBOSA, João Alexandre. “Ensaio sobre Historiografia Literária Brasileira”, in: *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.



RODRIGO SOARES DE CERQUEIRA

Do que é feita a biblioteca de Literatura Brasileira Contemporânea?

a biblioteca perfeita seria aquela em que pudéssemos encontrar não só tudo o que já foi publicado, mas a que também incorporasse, em tempo real, os lançamentos mais recentes. (Se não estivesse perdida em tretas telegráficas ou entregue a interesses privados, a internet poderia ter sido esse acervo universal.) Mas as bibliotecas são espaços físicos limitados pelo tamanho do terreno onde foram erguidas, pela área construída, pela quantidade de estantes, pela mão de obra etc., sem contar os limites orçamentários e a disponibilidade das obras. Ou seja, há escassez e, onde há escassez, é preciso haver seleção.

Não é por menos que a biblioteca é (junto com o sistema de ensino, a imprensa especializada, as editoras etc.) uma das instituições responsáveis pela constituição e pela fixação de um cânone literário, isto é, um acervo limitado de obras a ser preservado nas suas estantes. O cânone (ou *cânon*) é uma palavra que tem eco religioso, pois se refere ao processo de seleção dos textos que deveriam fazer parte do livro sagrado para expressar, de maneira mais coesa, a

fé verdadeira. Seu contraposto é a existência de outros textos que, embora também tratem da experiência religiosa, se desviam da ortodoxia, devendo ser proscritos. Quer dizer, o cânone é a própria expressão de um conjunto de valores que precisa ser defendido em sua pureza.

O cânone literário é a versão laica desse processo. Se, para mim, seu caráter normativo não se discute, não sou dos que defendem sua implosão. Uma biblioteca não tem nem todo o espaço, nem todo o dinheiro do mundo para disponibilizar um acervo sem

lacunas. E, se tivesse ambos, não teríamos nós vida suficiente para ler tudo o que gostaríamos. Mesmo que pudéssemos transitar pela biblioteca dos sonhos, mesmo que conhecêssemos dezenas de línguas, mesmo que vivêssemos o dobro de tempo e não fizéssemos nada mais, ainda assim precisaríamos de um norte, de um guia que nos ajudasse a selecionar, dentre todos os livros disponíveis, quais ler.

O cânone – e a biblioteca, que é uma das suas manifestações concretas – pode ser esse guia. Mas só o será se tomar para si que, nas escolhas feitas no processo de

Uma biblioteca não tem nem todo o espaço, nem todo o dinheiro do mundo para disponibilizar um acervo sem lacunas. E, se tivesse ambos, não teríamos nós vida suficiente para ler tudo o que gostaríamos.

constituição de seu acervo, estão implicados não valores eternos e imutáveis, que, a exemplo da ortodoxia religiosa, precisam ser preservados de qualquer heresia; são, antes, parte do processo de construção de uma sociedade efetivamente democrática, explicitando sua pluralidade de manifestações e sentidos.

Explico. Creio que quem tenha esse texto em mãos já procurou um livro na estante de uma biblioteca, se for um leitor ou uma leitora, ou já guardou um, se for um funcionário ou uma funcionária. De posse da referência, vamos até a seção correspondente, digamos, a de romance brasileiro, olhamos as letras que indicam o sobrenome do autor ou da autora e, se tivermos sorte, encontramos o livro que levaremos para casa. A disposição dos livros nas estantes, organizados por língua, gênero e nome (e algumas outras variações que me escapam), é das mais eficientes, mas ela não nos permite ver uma disparidade: a maior





presença de escritores e escritoras já consagradas em detrimento dos mais novos e das mais novas.

Proponho um exercício de imaginação. E se, numa biblioteca especial, com uma proposta diferente, os livros estivessem arrumados por ano de sua primeira edição? As referências agora já não nos levam para gênero e sobrenome, nos levam para estantes organizadas cronologicamente. Quando chegamos à seção do

século XIX dessa nossa biblioteca inusitada, é provável que os nomes que encontraremos não nos sejam estranhos – Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, entre outros –, nomes que aprendemos na escola, que ouvimos referenciados aqui e ali, presentes na lista do vestibular etc. À primeira vista, essa parece uma seção mais consolidada, já devidamente apurada pelo tempo.

A coisa, contudo, não é bem assim – é bem mais interessante. Embora pareça imutável, mesmo o acervo de livros do século XIX está em constante transformação. E isso não se dá porque novos livros podem ser descobertos de quando em vez (o que pode acontecer), mas por meio de um processo de disputa pelo sentido das obras que se conhece, uma disputa que põe em questão os valores que definiram a seleção feita até aqui e ajudou a consolidar os livros que estão à nossa disposição.

À medida que vamos andando no tempo, os critérios que pareciam sólidos vão mostrando do que são feitos de fato, de disputas

contingentes pelo sentido das obras e do que elas dizem do mundo em que vivemos. Precisamos começar de algum lugar, e o primeiro de todos é: em que ano começa o contemporâneo de que trata a literatura brasileira contemporânea? O critério usado por nós, que estamos tocando o projeto *Literatura Brasileira no XXI*, foi que dessa seção participam os livros de autores e autoras ativas nas primeiras duas décadas deste século. Como todo critério, este não é despido de problemas. Rubem Fonseca, por exemplo, que nasceu em 1925, publicou bem uma dezena de livros, entre contos e romances, entre 2001 e 2020, quando faleceu. A luta por visibilidade entre os autores e as autoras contemporâneas é um tanto desleal, porque Rubem Fonseca já tem um lugar destacado no cânone da literatura brasileira do século XX. Na corrida para fazer parte do acervo, ele sai na frente. Seus livros muito provavelmente foram adquiridos à medida que eram publicados.

Embora pareça imutável, mesmo o acervo de livros do século XIX está em constante transformação. E isso não se dá porque novos livros podem ser descobertos de quando em vez (o que pode acontecer), mas por meio de um processo de disputa pelo sentido das obras que se conhece, uma disputa que põe em questão os valores que definiram a seleção feita até aqui e ajudou a consolidar os livros que estão à nossa disposição.

Ao contrário dos livros de Rubem Fonseca – ou Nélide Piñon (1937) ou Ignácio de Loyola Brandão (1936) –, o que fazer com as centenas de obras lançadas por autores e autoras novas, que o grande público ainda desconhece? Como determinar quais livros são mais relevantes dentre a massa de produções recentes? Uma opção é acompanhar os prêmios literários. O risco, contudo, não é diferente do que diz respeito à definição de contemporâneo. Não é sempre o caso, mas os critérios

de avaliação do júri tendem a ser aqueles já de alguma maneira cristalizados pela tradição, o que tende a privilegiar figuras, temas e formas consolidadas.

Um dos pontos centrais da literatura contemporânea é a explicitação e a contestação dos critérios solidificados que moldaram a organização das estantes por que passamos. Ao longo do século XIX, o que esteve no horizonte de quem se preocupava em fazer e historiar a literatura brasileira foi a necessidade de constituição de uma nação recém-independente e carente de uma produção que lhe definisse as feições. Daí a centralidade de *O guarani*, de José de Alencar, que funda um passado mítico nacional, unindo, de maneira desigual e hierarquizada, o elemento autóctone e o português. Nota-se o apagamento da escravidão, dos negros e das negras que serviam de mão de obra compulsória e produziam a riqueza do país. A nacionalidade ainda vai estar na raiz das preocupações modernistas, o segundo eixo de



Um dos ganhos desse projeto foi a incorporação, no plano do conteúdo e da forma, não apenas da dinâmica de um país que se urbanizava, como se costuma pensar, mas também de tudo aquilo que até então vinha sendo escanteado pela elite letrada como uma herança ultrapassada.

força de reorganização dos critérios que embasam o que entra e o que sai da construção do acervo.

Um dos ganhos desse projeto foi a incorporação, no plano do conteúdo e da forma, não apenas da dinâmica de um país que se urbanizava, como se costuma pensar, mas também de tudo aquilo que até então vinha sendo escanteado pela elite letrada como uma herança ultrapassada, que o bom gosto moderno trataria de superar. É assim que o elemento popular, o afro-brasileiro em especial,

passa não apenas a ganhar destaque na produção literária (o que não acontece sem tensões, ambiguidades e estereotípias), como seus ritmos e experiências são incorporados à tessitura do texto, agora regido por um princípio de pesquisa da melhor forma de expressão do que ainda não havia sido contemplado pela literatura em vigor.

Com feições as mais diversas, a centralidade desse projeto nacional mais inclusivo (ainda que capitaneado por uma elite) vigorou



até o início da década de 1960, quando foi derrotado pelo golpe militar. Não podemos nos esquecer de que os critérios de valor literários nunca são exclusivamente literários. O indianismo do século XIX foi, ao mesmo tempo, um projeto cultural e imperial, ainda que um não seja uma mera expressão do outro. Há, entre o polo da literatura e o da vida social, uma série de mediações e desencontros que precisam sempre ser pensados caso a caso.

Todo sistema de valores, literários ou de outra natureza, é, portanto, o resultado de um processo de disputas, que, em algum momento, ganha uma formulação dominante, capaz de determinar, correndo o risco de ser simplista, o que precisa ser preservado e o que pode ser esquecido. Hoje já não nos diz mais respeito que José de Alencar, um escritor iniciante em 1856, pôs em xeque a validade daquela que prometia ser a grande obra

nacional, *A confederação dos tamoios*, um longo e tedioso poema épico escrito por Gonçalves de Magalhães, então o escritor mais destacado do segundo reinado. É capaz que, se o leitor voltar para a seção do século XIX da nossa biblioteca, não encontre nenhuma edição desse livro. O mesmo se deu no início do século XX, quando os modernistas contestaram e se impuseram diante da elite letrada que, com suas palavras empoladas e trejeitos de salão, se via como a expressão mais bem-acabada da civilização europeia nos trópicos.

O que salta aos olhos hoje é a pressão feita pela parcela excluída da integração social nunca cumprida pelos dois sistemas de valor dominantes anteriores, o romântico e o modernista. Obras recentes têm se debruçado, ficcionalmente ou não, sobre o peso das fraturas sociais que ainda dão as cartas e organizam uma sociabilidade perversa. Talvez já se possa falar, inclusive, que o novo sistema de valores imposto pela produção contemporânea

seja marcado por uma profunda recusa dos pactos de cordialidade anteriores, revelando o fracasso de suas promessas. Suas principais manifestações ou explicitam a violência a que esses grupos estão submetidos – *Capão pecado* (2000),

Todo sistema de valores, literários ou de outra natureza, é, portanto, o resultado de um processo de disputas, que, em algum momento, ganha uma formulação dominante, capaz de determinar, correndo o risco de ser simplista, o que precisa ser preservado e o que pode ser esquecido.

de Ferréz, ou *Reza de mãe* (2016), de Allan da Rosa – ou as mais diversas formas de resistência contra sua destruição — *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, e *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. (Estou tratando da questão racial porque é a que conheço um pouco

melhor e me permite conectar a literatura contemporânea aos pactos valorativos anteriores. Mas essa é uma tendência mais geral, como se pode ver pela forte presença de demandas vindas do feminismo, do mundo LGBTQIA+, dos povos originários etc.)

Um reajuste dos pressupostos que organizam o sistema de valores e se impõem sobre o acervo não modifica apenas a maneira como vemos as obras produzidas contemporaneamente; há um impacto sobre a disposição dos livros presentes nas demais estantes. Um dos pontos centrais da chamada literatura periférica (que está longe de ser o único) é a apreensão da dicção das comunidades figuradas nas obras, feita com conhecimento de causa por seus próprios falantes. Rompe-se, dessa forma, com a incorporação modernista da fala popular ao universo da literatura, até então espaço exclusivo de uma sintaxe escurrita e da busca pela palavra rara.

Esse reconhecimento da autenticidade da linguagem em detrimento da estilização literária,

Um reajuste dos pressupostos que organizam o sistema de valores e se impõem sobre o acervo não modifica apenas a maneira como vemos as obras produzidas contemporaneamente; há um impacto sobre a disposição dos livros presentes nas demais estantes.

com rendimentos os mais variados, possibilitou uma nova percepção de autores e autoras lidas até então como esteticamente menos capazes. É o caso, por exemplo, de Maria Firmina do Reis, cujo romance *Úrsula*, originalmente publicado em 1859, ganhou várias novas edições nos últimos anos, abrindo para si um espaço considerável na estante do século XIX; ou ainda de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, cujas obras têm adquirido nova projeção.

A literatura brasileira contemporânea é, antes de tudo, uma literatura engajada, que está

forçando, com toda razão, sua presença nas bibliotecas, o que é uma forma de se impor sobre os apagamentos e violências a que os grupos subalternizados têm sido submetidos. E nessa leva vai se impondo sobre o conjunto do acervo. Uma biblioteca ideal, utópica ainda, mas mais próxima da realidade, é também aquela que a cada nova visita tem uma feição diferente, permitindo ao leitor e à leitora novas combinações, preservando inclusive os equívocos do passado para que possam ser confrontados pelas esperanças do presente.



SOBRE O AUTOR

RODRIGO SOARES DE CERQUEIRA

É professor adjunto de literatura brasileira na Unifesp e autor de Crítica e memória: um estudo dos textos memorialísticos de Antonio Candido (Editora Unifesp).



RILDO COSSON

Práticas de leitura literária no espaço da biblioteca: conhecer, criar e compartilhar

não é preciso retornar à biblioteca de Alexandria para se verificar que as bibliotecas atuais exercem múltiplas funções envolvendo não só a guarda tradicional dos livros, mas, também, acesso, circulação e mediação dos mais diversos tipos de textos. Nem é necessário descrever a miríade de textos que perpassa a sociedade contemporânea para se compreender a importância da leitura para a cidadania, a economia, o conhecimento e o mais que se queira arrolar como justificativa dos investimentos feitos na promoção da leitura. É senso comum que o espaço da biblioteca é também espaço para a prática da leitura. Todavia, dadas as diferentes e altas expectativas em torno do ato de ler, é necessário indagar: quais práticas de leitura devem ser realizadas no espaço da biblioteca?

Em artigo que apresenta a formação de leitores como função da biblioteca, Elsa Ramirez Leyva argumenta que a biblioteca de hoje deve ser vista como um espaço formativo e cultural, no qual se realizam diferentes aprendizagens e se constroem diversas formas de socialização, seguindo a esteira dos

múltiplos letramentos. Tomando como suporte a noção de *Bildung* [formação], a autora defende, ainda, que “a biblioteca deve fazer com que a leitura se desdobre em uma diversidade de possibilidades sob o domínio de leitores cada vez mais especializados”, levando os leitores a se formarem “na medida em que potencializam suas capacidades e se fazem responsáveis por seu desenvolvimento e, com ele, por seu destino” (RAMIREZ LEYVA, 2016, p. 117, tradução minha).

Na biblioteca localizada na comunidade do Coque, em Recife (PE), uma nova ação – *Conte lá que eu conto cá* – promoveu o compartilhamento de práticas de leitura com as escolas da comunidade. Tratava-se de mais um nó na rede que se tece entre as escolas e bibliotecas, agora denominada de Rede de Bibliotecas do Coque. Entre tantas outras ações anteriores, realizadas desde a sua fundação em 2007, é interessante ressaltar a *I Festa Literária do Coque* (2017), que já vai para a quinta edição, o projeto *De carta em carta* (2018) e

o *Novembro Literário do Coque* (2019). Para consolidar a rede, outras ações de integração estão programadas e em andamento: *Chás com doce deleite*, destinado à troca de leituras entre os educadores; *Coque lê* e *Dia D de leitura no Coque*, que são práticas de leitura silenciosa sustentável; com apoio da equipe do Centro de Estudos de Educação e Linguagem da UFPE, o curso *Cartas Viajantes*, com troca de correspondência com escolas chilenas; implantação da Bebeteca do CMEI Mãezinha do Coque e reestruturação da Mangueteca da E.M. Novo Mangue (ARAÚJO et al., 2021).



Poderia me estender citando outros argumentos e experiências que evidenciam ser a biblioteca um espaço por excelência de práticas de leitura variadas e, entre elas, aquela que é fundamental para a formação do leitor, que é a leitura literária. Porém, penso que, hoje, a questão das práticas de leitura literária na biblioteca é menos sobre o porquê e o que fazer, pois já temos argumentos consistentes e muitas atividades e experiências bem-sucedidas em diversos modelos de bibliotecas, e mais sobre o fazer de maneira sistemática (fazer constantemente e não apenas quando se pode ou é conveniente) e sistematizada (fazer segundo um planejamento, com objetivos, métodos, meios e avaliação, em um círculo virtuoso). Por isso, neste capítulo, vou sintetizar em três grandes grupos as práticas de leitura literária que uma biblioteca deveria buscar efetivar para promover a formação contínua e permanente dos leitores literários em seu espaço.

Penso que, hoje, a questão das práticas de leitura literária na biblioteca é menos sobre o porquê e o que fazer, pois já temos argumentos consistentes e muitas atividades e experiências bem-sucedidas em diversos modelos de bibliotecas, e mais sobre o fazer de maneira sistemática (fazer constantemente e não apenas quando se pode ou é conveniente).

A leitura literária é um duplo e simultâneo percurso: uma caminhada que fazemos em direção a nós mesmos, para nos conhecermos melhor por meio dos textos; outra que fazemos em direção ao mundo que é encenado nos textos, a experiência do outro que ajudamos a compor com a nossa própria experiência.

Antes, porém, é preciso esclarecer que essa síntese se faz sob a égide do paradigma do letramento literário (COSSON, 2014; 2020), cujos pressupostos principais vale a pena detalhar para uma melhor compreensão da divisão das práticas nesses três grupos.

O primeiro é o de que a formação do leitor literário, ou seja, o letramento literário, é um processo contínuo que acompanha o leitor antes mesmo do domínio da fala e segue por toda sua vida sem se

esgotar e, sim, renovando-se e ampliando-se a cada novo contato entre o leitor e os textos literários.

O segundo pressuposto é o de que quando se lê literariamente nunca se lê sozinho; ou seja, a despeito da leitura ser habitualmente uma atividade solitária, até por força da prática da leitura silenciosa, que se tornou um padrão para a leitura de livros em nossa sociedade, o ato de ler é sempre perpassado pelo coletivo. Dessa forma, a leitura literária é um processo individual,

mas mediado pelo social. O fato é que lemos a partir das diretrizes de nossa comunidade de leitores referentes ao que é ler literatura, mesmo quando desafiamos ou questionamos os valores dessa mesma comunidade.

O terceiro é o de que a leitura literária é um duplo e simultâneo percurso: uma caminhada que fazemos em direção a nós mesmos, para nos conhecermos melhor por meio dos textos; outra que fazemos em direção ao mundo que é encenado nos textos, a experiência do outro que ajudamos a compor com a nossa própria experiência. É, portanto, no duplo simultâneo dessa caminhada que nos formamos como leitores literários. Porém, para que essa formação se efetive, é preciso que certos requisitos sejam cumpridos.

PRÁTICAS DO CONHECER

As práticas de leitura do conhecer são aquelas que se destinam a apresentar o texto ao leitor. Trata-se de garantir ao leitor um acesso qualificado ao acervo da biblioteca de forma a permitir o *encontro pessoal com*



o texto, quando o leitor se encontra, encontra o outro, encontra o mundo no diálogo que é toda leitura.

Esse encontro, que é o primeiro passo no percurso da formação do leitor literário, pode acontecer a partir da curiosidade do leitor que vê o livro numa prateleira da biblioteca, mas certamente terá mais probabilidade de sucesso se mediado de alguma forma por outro leitor. Aqui é importante ressaltar que o ato de ler é uma experiência individual e intransferível, ou seja, a leitura literária requer o envolvimento pessoal do leitor que precisa ocupar a posição de sujeito no diálogo com o texto dentro de espaço e tempo determinados. Nada impede, porém, que sejam utilizados diferentes meios, como escrita, imagem e voz, para a realização dessa leitura. Na mediação, o essencial é o encontro com o texto e não o modelo de leitura silenciosa e reservada que se costuma tomar como ideal para o acesso ao texto literário.

Aqui é importante ressaltar que o ato de ler é uma experiência individual e intransferível, ou seja, a leitura literária requer o envolvimento pessoal do leitor que precisa ocupar a posição de sujeito no diálogo com o texto dentro de espaço e tempo determinados. Nada impede, porém, que sejam utilizados diferentes meios como escrita, imagem e voz para a realização dessa leitura.



É assim que as práticas de leitura do conhecer podem ser identificadas com aquelas que são conhecidas como animação da leitura e usualmente se destinam a promover a leitura de um texto, chamando a atenção do leitor e despertando o seu interesse pela obra, quer destacando trechos, quer realizando a leitura integral do texto. Neste conjunto, podem ser arroladas atividades como feiras literárias, sacolas de leitura, encontro com autores, ciclo de palestras temáticas do tipo semana

da poesia, saraus e recitais poéticos, feira de troca de livros, programa de rádio, *podcasts*, exibição de filmes e vídeos, leituras dramatizadas e outras performances.

A atividade emblemática do conhecer é a contação de histórias que possui inúmeras variações em torno da leitura coletiva de um texto. Seguindo uma prática de oralização baseada na memória ou reproduzindo literalmente as palavras escritas, o cerne da contação de história é o encontro individual do

leitor com o texto mediado pela voz de um outro leitor. Nessa mediação, há uma transferência da leitura feita pelo leitor que fala para aqueles que ouvem. Nesse sentido, importam menos os recursos cenográficos usados pelo locutor, que às vezes ocupam por demais os envolvidos no processo, e mais a interpretação que se incorpora à leitura em voz alta. Também é preciso não fazer da contação de história uma atividade destinada exclusivamente a crianças, efeito causado pela sua ampla utilização na educação infantil, pois, na verdade, é uma atividade de mediação para todas as idades.

PRÁTICAS DO CRIAR

As práticas de leitura do criar visam mostrar ou dar uma forma concreta à interação entre o texto e o leitor. É o dizer a si e dizer o mundo em resposta à leitura de um texto, que se caracteriza como *leitura responsiva*: o registro da resposta que a leitura literária suscita no leitor.

Essa leitura responsiva é o segundo passo no percurso de

formação do leitor literário e consiste na produção de um texto que responde ao texto primeiro. É como se fosse a tomada de turno no diálogo estabelecido com a obra. O leitor que “ouviu” a obra agora toma a palavra e responde a ela, com um texto segundo, apresentando a sua posição sobre o lido, evidenciando o efeito que o texto lhe causou.

No espaço da biblioteca, as práticas do criar como leitura responsiva são identificadas com as oficinas literárias, os concursos literários, a produção de material que ilustra o texto com itens cenográficos, maquetes e figurinos, ou que auxilia a leitura, tais como fantoches, a escrita e a encenação de textos teatrais, fílmicos, pinturas, histórias em quadrinhos, as performances e outras tantas formas de interação artística que evidenciam um diálogo entre o leitor e a obra lida, quer na forma de reescritura ou expansão, como se observa, por exemplo, no movimento da *fanfiction*.

Não há uma forma específica ou um suporte ideal para a leitura

Essa leitura responsiva é o segundo passo no percurso de formação do leitor literário e consiste na produção de um texto que responde ao texto primeiro. É como se fosse a tomada de turno no diálogo estabelecido com a obra. O leitor que “ouviu” a obra agora toma a palavra e responde a ela, com um texto segundo, apresentando a sua posição sobre o lido, evidenciando o efeito que o texto lhe causou.

responsiva, porque o que importa é a concretização da leitura em um outro texto. O caminho da interação artística é o mais comum pela afinidade com a criatividade que lhe é inerente, mas não é o único a ser trilhado. Nesse sentido, todos os movimentos concretos que se apresentam como resposta à leitura podem ser incluídos na lista das práticas do criar, desde que nunca se perca ou obscureça o elo entre o texto e o leitor.

PRÁTICAS DO COMPARTILHAR

As práticas de leitura do compartilhar constituem o terceiro passo no percurso da formação do leitor literário. Este é o momento em que o leitor, por meio de um texto, participa e constrói em conjunto com outros leitores a si e o mundo. É também o momento em que se reconhece como parte de uma comunidade de leitores que sustenta e potencializa a sua leitura do texto.

O elemento definidor desse compartilhamento é a *prática*

interpretativa, compreendida como um movimento de formalização e sistematização do diálogo da leitura. Aqui, o encontro pessoal com a obra e a leitura responsiva são traduzidos em um processo analítico que procura abarcar as diversas camadas



de sentido do texto ou, mais propriamente, que resulta na construção de sentido que deriva do entrelaçamento peculiar de texto, contexto e intertexto daqueles leitores reunidos em torno do compartilhamento de uma obra.

No espaço da biblioteca, as práticas do compartilhar mais conhecidas são os círculos de leitura, as rodas de conversa e os clubes de leitura, embora não faltem debates e discussões coletivas de textos que não são nomeados ou estão incorporados em outras atividades. Nesse caso, é importante não perder de vista que nesse compartilhamento há uma interpretação a ser construída no diálogo entre os leitores, uma leitura com base analítica. Esse é o objetivo que deve guiar a prática, e não simplesmente uma conversa solta com impressões sobre o texto. Também não se trata, obviamente, de determinar um sentido único ou uma leitura autorizada para aquele texto, mas, sim, de sustentar a construção de sentido a partir de

elementos textuais, contextuais e intertextuais que levaram àquela interpretação para aqueles leitores.

PARA CONCLUIR

Na sistematização das práticas de leitura do conhecer, criar e compartilhar que sustentam os três passos essenciais do letramento literário – o encontro do leitor com a obra, a leitura responsiva e a prática interpretativa – um primeiro aspecto a se observar é que elas não são estanques. Em uma contação de histórias para crianças bem pequenas (conhecer), que é seguida por uma pintura feita com as mãos e tinta guache (criar) e logo depois por uma explicação ao grupo do que foi pintado em relação à história (compartilhar), estão claramente postas e integradas as três práticas de leitura demandadas no letramento literário.

Depois, embora haja um sentido progressivo que vai do acesso ao compartilhamento, passando pela resposta criativa, não há razão para se estabelecer uma hierarquia entre as atividades, uma valendo

mais ou devendo receber mais atenção do que outra por parte da biblioteca. Todas são importantes e necessárias enquanto passos de um circuito que leva à formação do leitor literário. Aqui o que se deve observar é o equilíbrio entre os três grupos para que não haja concentração em um único tipo de prática nas atividades da biblioteca, ou que se privilegie determinado grupo em detrimento dos outros. Não é raro encontrar bibliotecas que realizam muitas atividades de mediação, mas quase todas centradas em práticas do conhecer e do criar, praticamente ignorando o compartilhar. Por isso, não se deve esquecer de que mais importante do que o número de atividades realizadas é a oferta contínua e permanente de atividades dos três grupos.

Vale ressaltar, ainda, que não há uma divisão rígida entre os três grupos de atividades. Assim, podem ser realizadas separadamente ou com diferentes ênfases, a depender do objetivo ou das características dos

O que deve ser buscado em última instância é a experiência do literário enquanto literário, ou seja, a posição de sujeito de linguagem que a leitura, quando literária, requer de todo leitor ou produtor de texto.

leitores e dos textos. Em um círculo de leitura, é preciso primeiro que se selecione uma obra e que ela seja apresentada ao grupo (conhecer), depois, se deve estabelecer alguma forma de registro da leitura, que pode ser cartões de funções, um diário de leitura ou um trecho que intrigou o leitor (criar), para finalmente se chegar à discussão conjunta do texto

a partir desse registro (compartilhar). Nesse caso, embora presentes os três tipos de atividades, aquela que define o círculo é a discussão conjunta. Por isso ela receberá maior destaque no planejamento e na execução do que as outras que lhe antecedem, devendo o círculo de leitura ser computado no grupo das práticas do compartilhar.

Por fim, convém ter sempre em mente que essas práticas de leitura são práticas de letramento literário. Dessa forma, embora seja relevante para o planejamento e a execução das atividades, o conhecimento de autores, obras consideradas fundamentais, temáticas identitárias, engajamento social, desenvolvimento de habilidades artísticas e tudo o mais que configura as diversas práticas, o que deve ser buscado em última instância é a experiência do literário enquanto literário, ou seja, a posição de sujeito de linguagem que a leitura, quando literária, requer de todo leitor ou produtor de texto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Elis et al. “Biblioteca do Coque em rede”. *Revista Literatura e Arte no Ciclo da Alfabetização*. Recife: Ceel/UFPE, n ° 4, 2020, p. 43-45.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.

RAMIREZ LEYVA, Elsa Margarita. “De la promoción de la lectura por placer a la formación integral de lectores”. *Investigación Bibliotecológica*. México: Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información de la UNAM, v. 30, n° 69, agosto de 2016, p. 95-120. Disponível em <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/55646/49364>



SOBRE O AUTOR

RILDO COSSON

É doutor em letras e educação. Foi professor das Universidades Federais do Acre, de Pelotas e de Minas Gerais, atuando na graduação e na pós-graduação em letras e educação. É autor de *Paradigmas do ensino da literatura* (2020), *Letramento político* (2019) e *Círculos de leitura e letramento literário* (2014). Atualmente, é pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais, professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e literator em escolas e eventos acadêmicos.



AMANDA LEAL DE OLIVEIRA E
CARMEM LÚCIA BATISTA

Bibliotecas, culturas e educação: mediações necessárias

Como pensar a biblioteca e seus processos educativos e culturais na contemporaneidade?

Em uma sociedade complexa como a que vivemos, com realidades singulares, globais, plurais, hiperconectadas, fragmentadas e culturalmente híbridas, a biblioteca que faz sentido é aquela interligada às dinâmicas desse tempo, em diferentes territórios.

A concepção dessa biblioteca, embora pareça tarefa simples, precisa estar ancorada em conceitos e práticas que valorizam processos dialógicos, formativos e culturais, os quais não são nem imediatos e nem automáticos.

CRISE DA LEITURA E CRISE DA BIBLIOTECA?

Observamos que no Brasil raramente são feitas distinções importantes entre as experiências da biblioteca e os diferentes modos de sua recepção, considerando a diversidade de contextos nos quais estão inseridas. Desse modo, processos educativos e culturais complexos parecem ser tratados de forma padronizada,

Muitas vezes, “leitores” ou “não leitores” são compreendidos como massa indiferenciada, sem distinções e singularidades, como destinatários de signos que, por serem “ofertados”, devem ser assimilados ou consumidos passivamente.

homogeneizadora e inconsistente. Muitas vezes, “leitores” ou “não leitores” são compreendidos como massa indiferenciada, sem distinções e singularidades, como destinatários de signos que, por serem “ofertados”, devem ser assimilados ou consumidos passivamente.

Diante dessa situação, a experiência de outros países pode nos orientar nessa reflexão. Max Butlen (2008) desenvolveu uma pesquisa sobre políticas de leitura na França nos vinte últimos anos do século XX, período em que o país realizou um grande esforço integrado no sentido de colocar a leitura como prioridade em sua política cultural. O contexto estudado pelo autor configurava uma “crise da leitura” que gerou uma “explosão da oferta”: livros e materiais impressos acessíveis para toda a população, não só pelo investimento em equipadas e numerosas bibliotecas públicas instaladas em todo o território nacional, mas também pelo aumento



de bibliotecários e bibliotecas escolares, além das inúmeras livrarias espalhadas por todo o país favorecidas pela política de preço único do livro no território nacional. Com isso, o autor aponta um aspecto inesperado: melhorar a oferta de leitura não foi suficiente para aumentar significativamente a qualidade das performances dos leitores franceses e muito menos para incluir novos públicos aos circuitos da escrita.

As pesquisas de Butlen (2008) desafiaram a realidade da política cultural francesa, assim como a de todos os países, ao revelar como a distância histórica e cultural da leitura não é suprimida pela proximidade física dos objetos de ler.

Voltando ao contexto brasileiro, ao considerarmos nosso público heterogêneo e nossa trajetória específica com a leitura e a escrita – muito mais recente e fragmentada do que a francesa –, podemos pensar

que bibliotecas restritas à “oferta” cultural (ou a políticas de leituras apenas distributivas) encontrarão os mesmos ou, ainda, maiores limites e dificuldades.

Nesse sentido, é importante refletir sobre as bibliotecas não apenas como locais de preservação e guarda de livros ou de “disponibilização” de bens culturais, pois não podemos considerar que o fato de passarmos a “ofertar mais” gerará, automática e naturalmente, apropriação por novos públicos, anteriormente excluídos das bibliotecas. Passar a ter uma biblioteca no bairro ou “livros à disposição” pode não superar as desigualdades histórico-culturais que marcam a realidade brasileira e suas relações com a leitura.

Com isso, observamos que, se a falta de acesso a livros e bibliotecas é barreira importantíssima a ser superada para a garantia do direito de todos à leitura e à escrita, ao pensarmos nos desafios de sua apropriação, é fundamental considerar os contextos específicos



nos quais esse acesso passa a se dar, reconhecendo que os sujeitos e territórios são partes vivas, ativas e afirmativas dentro da ordem cultural (PIERUCCINI, 2004).

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÕES CULTURAIS

A construção do ser cultural implica busca e reconhecimento de identidades culturais marginalizadas, situação que entra em conflito com processos hegemônicos de dominação que produzem a invisibilidade de grupos, pessoas e culturas. No contexto

brasileiro, as ditas minorias são maioria: negros, mulheres, pobres, indígenas, comunidade LGBTQIA+, dentre outros. Assim, atuar para a formação e o fortalecimento dessas identidades é, ao mesmo tempo, um processo educativo, cultural e político, porque fomenta encontros, aprendizagens, debates, conflitos e negociação, condições essenciais para o exercício da cidadania.

Quando falamos de conflito, estamos distinguindo-o de violência, a qual possivelmente é a pior resposta ao conflito. O conflito é a explicitação de posições que se verificam divergentes e, justamente por isso, pode ser gerador de novas e diferentes relações sociais, evitando-se, por exemplo, a ruptura e a indiferença, situações que, essas sim, podem levar à violência (BOUBON; BOURRICAUD, 2007).

É também nesse viés político que Paulo Freire (1983) resume a importância do conflito, considerando-o algo que “une anúncio e denúncia”. Gadotti, Freire e Guimarães (1995) defendem o que

nomeiam de “pedagogia do conflito” e valorizam a dimensão dialógica que essa experiência contempla, dando importância aos enfrentamentos, às contradições e às divergências, nas quais os processos de ensino e aprendizagem estão implicados. Para os autores, o conflito é, portanto,

O conflito é a explicitação de posições que se verificam divergentes e, justamente por isso, pode ser gerador de novas e diferentes relações sociais, evitando-se, por exemplo, a ruptura e a indiferença, situações que, essas sim, podem levar à violência.

(...) a mediação na biblioteca é entendida como um processo informativo, educativo, político e cultural, por meio da qual as pessoas se apropriam de objetos e bens culturais em circulação, mas em movimentos de construção da autonomia.

um dos princípios e pilares da experiência humana, do “viver junto” e da democracia.

Desse modo, ao promover encontros, leituras, conversas, convivências, trocas e oportunidades de se vivenciar formas de lidar com a diversidade é que se revela a importância da biblioteca como

espaço de mediação e de negociação cultural (OLIVEIRA, 2014).

Nesse contexto, a mediação na biblioteca é entendida como um processo informativo, educativo, político e cultural, por meio da qual as pessoas se apropriam de objetos e bens culturais em circulação, mas em movimentos de construção da autonomia no percurso de aprendizagem (BATISTA, 2014).

A confluência desses processos (informativo, educativo, político e cultural) é o que Fleuri (2003, p. 22) denomina *educação intercultural*, um “campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes”, ou seja, condição para estabelecimento de vínculos com significados particulares que dão sentido à própria existência.

Por não serem naturais ou automáticos, esses processos necessitam ser mediados. A mediação cultural nas bibliotecas, conforme Perrotti e Pieruccini

(2014) destacam, “além de intrínseca e essencial, é categoria produtora e não apenas viabilizadora de sentidos”. Essa produção de sentido é condição necessária para a apropriação cultural, “processo no qual o sujeito 'torna seu' um objeto do mundo, ajustando-o, moldando-o a si, atuando afirmativamente nos processos de negociação com os signos, com a cultura”. (BATISTA, 2018, p. 229).

A mediação cultural, nesse contexto, possui como categoria fundamental a negociação (Oliveira, 2014), pois, além de considerar a emergência do conflito como parte das relações sociais, viabiliza a criação do “terceiro espaço” – a terceira margem – para além do eu e do outro. O resultado de negociações é sempre gerado a partir da transação das partes em conflito, chegando-se em algo que se torna um “ganha-ganha”, ou seja, alcança-se um “valor” construído nessa experiência social de luta e cooperação. Em processos de negociação, além do resultado

em si, o “produto” é o próprio “processo” de negociação, dando origem a relações de confiança e duradouras (OLIVEIRA, 2014).

Nesse sentido, mediação e negociação cultural referem-se também a valores que, além de competências e procedimentos, demandam atitudes, modos de ser e de se relacionar com o “outro” que



reconhecem que os processos de apropriação da biblioteca implicam negociações concretas e simbólicas, que envolvem sujeitos, histórias, memórias, desejos e os meios socioculturais em que tais processos ocorrem (OLIVEIRA, 2014).

BIBLIOTECA, INFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE NEXOS

No contexto acima descrito, o papel informativo da biblioteca não está centrado na gestão de fluxos de informação, mediado por tecnologias e sistemas informacionais que, embora tenham funções muito importantes, não são um fim em si mesmo e, sim, devem ser compreendidos como um meio que facilita, acelera e potencializa a construção de (novos) significados.

Perrotti (2016) evidencia a informação como uma categoria formativa, com valor sociocultural, e fundamental nas trocas e interlocuções geradoras de sentido, tendo a biblioteca o papel fundamental de informar e de formar, ou seja, ensinar seus

diferentes públicos a informar-se. Segundo essa perspectiva, não se trata de “informar para”, nem de “educar para”, mas de “informar com” e de “educar com”, evitando-se a instrumentalização dos encontros entre sujeitos e culturas, assim como sua hierarquização.

Tendo em vista a construção desses processos (educativos, informativos, culturais e políticos) e a desconstrução de outros (de dominação e de exclusão), a biblioteca apresenta-se como um espaço privilegiado para debates e construção de novas ordens culturais, caracterizada por Perrotti (2016, p. 21) como *biblioteca forum*: um “dispositivo de mediação cultural que reconhece e coloca sujeitos e repertórios culturais diversificados em relações de negociação concreta e simbólica, em processos dinâmicos e afirmativos de apropriação e protagonismo cultural”.

Dessa forma, a biblioteca torna-se ambiente de encontro e negociação entre diferentes

peçoas, grupos, representações e modos de construção de significados, viabilizando a (re)construção de memórias, a aptidão para dialogar e lidar com diferenças, reconhecer mudanças e desigualdades, incentivar a inventividade e a criatividade – promovendo, em seu ambiente e em suas práticas, um mundo em que o acesso e a apropriação de conhecimentos gera novos conhecimentos, respeito a alteridades culturais e torna possível a vida coletiva.

Compreender nossas bibliotecas como espaços de democracia parece ser fundamental para pensarmos a biblioteca que queremos e podemos construir hoje: útil em tempos de internet, de novas sociabilidades, de novos suportes de leitura e disruptiva em realidades marcadas pela desigualdade no acesso e na apropriação da educação, cultura e memória. Um ambiente onde a construção do tecido social é a protagonista.

Compreender nossas bibliotecas como espaços de democracia parece ser fundamental para pensarmos a biblioteca que queremos e podemos construir hoje: útil em tempos de internet, de novas sociabilidades, de novos suportes de leitura e disruptiva em realidades marcadas pela desigualdade no acesso e na apropriação da educação, cultura e memória. Um ambiente onde a construção do tecido social é a protagonista.

SOBRE AS AUTORAS



AMANDA LEAL DE OLIVEIRA

É socióloga, doutora em ciência da informação e atua há mais de 20 anos em projetos de fortalecimento de bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e na formação de mediadores de leitura. Uma das idealizadoras e coordenadora do projeto Piracaia na Leitura (Instituto Cultura Etc.), é pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Biblioeducação, docente na graduação e pós-graduação.



CARMEM LÚCIA BATISTA

É graduada em biblioteconomia e letras (português/francês), mestre e doutora em ciência da informação pela USP, com estágio doutoral na Universidade Sorbonne (Paris, França). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Biblioeducação e docente no curso de pós-graduação EAD Gerente de Cidades, da Fundação Armando Álvares Penteado, e na graduação em biblioteconomia no Centro Universitário Assunção. É executiva pública do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Carmem Lúcia. “Conceitos de apropriação: contribuições à ciência da informação”. *Em questão*, v. 24, nº 2, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/74317/47702>>. Acesso em 05 nov. 2021.

BATISTA, Carmem Lúcia. “Mediação e apropriação da informação pública: a educação fiscal”. Tese de doutorado em cultura e informação, Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.27.2015.tde-18052015-160609. Acesso em 18 nov. 2021.

BOUDON, Raymond.; BOURRICAUD, Francois. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 2007.

BUTLEN, Max. *Les politiques de lecture et leurs acteurs, 1980-2000*. Lyon: Institut National de Recherche Pédagogique, 2008.

FLEURI, Reinaldo Matias. “Intercultura e educação”. *Revista Brasileira de Educação*, nº 23, maio/ago. 2003, p. 16-35.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo.; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. “A negociação cultural: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita”. Tese de doutorado em cultura e informação, Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-16102014-104805/pt-br.php>. Acesso em 17 nov. 2021.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. “A mediação cultural como categoria autônoma”. *Informação & Informação*. Londrina, v. 19, nº 2, out. 2014, p. 01-22. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em 05 nov. 2021. doi:10.5433/1981-8920.2014v19n2p01.

PERROTTI, Edmir. “Infoeducação: um passo além científico e profissional”. *Informação & Profissões*. Londrina, v. 5, nº 2, jul.-dez. 2016, p. 04-31. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/infoprof/>. Acesso em 05 nov. 2021.

PIERUCCINI, Ivete. “A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação”. Tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.27.2004.tde-14032005-144512. Acesso em 18 nov. 2021.

SEMANA U
IZADA EN
SE MOVIME
TI A SUA
VERSITARIA
RECUDO NA
UNDA METAD
ESTIA MODERN
ADAS DE 1920
COM AS OBRAS D
AL II DE ANDRADE, MANUEL MACHADO, W
MMOND DE ANDRADE, JORGE DE LIMA, MUI
DES E CECILIA MEIRELES, PARA CITAR ALGI
ERENCIAS CENTRAIS, A POESIA BRASILEIR
UNDA METADE DO SECULO XX SE FAUTA, E
DE MEDIA POR RECUPERACOES CRU
LEGADO MODERNISTA, JA NA DECADA
ET PODE SER OBSERVADO PELO DEST
MALL GABRAL DE MELLO NET
PHE LAS DA CHA
THRNI

LEANDRO PASINI E MIRHIANE
MENDES DE ABREU

Considerações sobre a poesia e a prosa de ficção modernistas: O Centenário da Semana de Arte Moderna e o seu legado

a atualidade do modernismo brasileiro se torna cada dia mais evidente pela quantidade expressiva de eventos e publicações em torno dos 100 anos da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922. Além disso, a importância desse movimento artístico e cultural se deve tanto a sua presença constante na produção universitária quanto à influência que tem exercido na literatura brasileira desde a segunda metade do século passado.

A poesia modernista domina as décadas de 1920, 1930 e parte da década de 1940 com as obras de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes e Cecília Meireles, para citar algumas referências centrais. A poesia brasileira da segunda metade do século XX se pauta, em grande medida, por recuperações criteriosas desse legado modernista. Já na década de 1940, isso pode ser observado pelo destaque conferido a João Cabral de Melo Neto em contraposição aos poetas da chamada Geração de 45, que buscavam o retorno a uma poesia “pura”, que não fosse contaminada pelos

Os poetas concretos dos anos 1950 e 1960 não só reivindicavam para si a continuidade da poesia de Oswald de Andrade, mas também foram protagonistas de sua republicação, explicação e interpretação. Em boa medida, a imagem de artista radical que atualmente temos de Oswald se deve à construção teórico-literária feita por Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

resíduos mundanos da fala coloquial e da referência à vida imediata, tiveram uma vida histórico-literária curta, se comparada à do poeta pernambucano que, em *O cão sem plumas* (1950), unia o rigor formal demandado por sua geração a um olhar severo para a realidade social.

Os poetas concretos dos anos 1950 e 1960 não só reivindicavam para si a continuidade da poesia de Oswald de Andrade, mas também foram protagonistas de sua republicação, explicação e interpretação. Em boa medida, a imagem de artista radical que atualmente temos de Oswald se deve à construção teórico-literária feita por Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari. A “poesia marginal” dos anos 1960 e 1970, de que destacamos poucos nomes, como Cacaso, Chacal, Franciso Alvim e Ana Cristina Cesar, retomou a seu modo a linguagem coloquial como apelo a uma vida cotidiana avessa às convenções sociais cada vez mais conservadoras (estamos, à época, em pleno pós-AI-5).



Mais próximo do fim do século, Paulo Leminski busca unir a construção oswaldiana-cabralina dos poetas concretos ao coloquial anticonvencional dos “marginais” em uma síntese própria. Pertencente por geração ao ciclo modernista (seu primeiro livro de poemas data de 1937), Manoel de Barros a um tempo se liga ao grupo modernista mato-grossense dos anos 1930 e à poesia contemporânea, pois sua obra ganha visibilidade no espaço público em

momento relativamente recente. Por fim, lembremos que, nos anos 1920, o modernismo, tido então por excêntrico, era um movimento aberto a vozes e práticas dissonantes e, nesse sentido, não está muito distante de uma atitude cada vez mais inconformada dos diversos setores em desacordo com a vida administrada e as desigualdades socioculturais que pautam o país e, a bem dizer, o mundo atual.

O ARQUIVO MODERNISTA

Contudo, a irreverência e a rebeldia do movimento modernista foram, há décadas, integradas à cultura nacional como elementos construtivos e, no limite, edificantes e oficiais – ou seja, o reverso de sua dissonância de origem. A complexidade dessa questão, porém, ultrapassa os polos diametralmente opostos, em que, de um lado, haveria uma suposta pureza subversiva do modernismo neutralizado pela sua institucionalização e, de outro, um movimento de fundo conservador, desde sempre disponível a ser cooptado por uma política estatal de base nacionalista. Antes, a dinâmica que leva o modernismo brasileiro a pertencer tanto ao presente quanto ao passado se relaciona com a ideia de arquivo. A função de um arquivo é a de preservar, explicar e difundir um conjunto de obras e demais objetos culturais que fizeram parte de um momento histórico.

No que concerne à poesia, que é a mais cifrada das práticas literárias, a existência de um material

primário que a contextualize e contribua para a sua decifração é algo incomensurável. A partir disso, o resultado do trabalho de pesquisa e explicação dos principais poetas modernistas, por um lado, estabelece os consensos pelos quais essa poesia será ensinada e aprendida nas instituições de ensino, por outro, a crítica literária se torna ela mesma parte desse arquivo, conferindo-lhe uma



dinâmica de constante expansão. Trata-se aqui de um tipo diferente de contemporaneidade: a da pesquisa e do ensino da poesia modernista. Construído como um mosaico do passado, o tempo real do arquivo é o presente, porque é pelas demandas de um olhar contemporâneo que o mosaico se torna um caleidoscópio e dá nova vida à crítica e à teoria literária, as quais reorganizam o arquivo segundo os seus propósitos.

A imersão no labirinto do arquivo modernista, portanto, resulta em um tipo de arqueologia que se volta mais ao presente do que ao passado. Como horizonte, é possível vislumbrar, ao mesmo tempo, uma teoria literária e uma historiografia renovada do modernismo brasileiro, bem como a necessidade de antologias cujos poemas selecionados estejam inseridos no tempo denso dessa história literária, em que cartas, revistas, eventos e conferências possibilitem estabelecer as interconexões entre cada estética local e tragam uma imagem renovada do movimento.

Como horizonte, é possível vislumbrar, ao mesmo tempo, uma teoria literária e uma historiografia renovada do modernismo brasileiro, bem como a necessidade de antologias cujos poemas selecionados estejam inseridos no tempo denso dessa história literária, em que cartas, revistas, eventos e conferências possibilitem estabelecer as interconexões entre cada estética local e tragam uma imagem renovada do movimento.

Para finalizar, reproduz-se um poema de Drummond, “Relógio”, publicado no dia 2 de junho de 1928, no *Diário de Minas*, e que não foi recolhido em livro. Ele dialoga diretamente com “No meio do caminho”, mas a obsessão do clássico poema da pedra se dá no plano do espaço; já neste, é o tempo que surge como obstáculo obsessivo:

Quando falamos em modernismo (...) referimo-nos a um processo histórico que buscou a emergência do novo sob o signo das vanguardas europeias e, no Brasil, adquiriu maior sistematização artística e criativa a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.

Este relógio está doído.
Marca somente horas noturnas.
Este relógio está doído.

Minha vida é uma noite de insônia
ritmada por este relógio.
Este relógio está doído.

Este relógio não descansa.
Este relógio está doído
e me endoidece.

Procuro o álcool, procuro o éter.
Em vão. Ouço um eterno tique-taque.
Este relógio está doído.

Este relógio está doído.
Enche de luto a minha vida
e de fantasmas o meu luto

É a minha última noite
E o relógio não para.
Este relógio está doído.

O MODERNO E O MODERNISMO

Para melhor compreendermos o panorama dessa época, convém observarmos a distinção entre *moderno* e *modernismo*. O moderno coloca em xeque os limites da linguagem literária e sua possibilidade de representação. Por sua vez, quando falamos em modernismo e toda a pluralidade de suas caracterizações, referimo-nos a um processo histórico que buscou a emergência do novo sob o signo das vanguardas europeias e, no Brasil, adquiriu maior sistematização artística e criativa a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.

Dentre vários elementos comuns entre moderno e modernismo, podemos aqui destacar a questão dos gêneros literários, já que a modernidade dissolveu as fronteiras entre os gêneros e, por meio das vanguardas, a literatura modernista ganhou tonalidades de experimentação. A prosa de ficção modernista incluiu o estilo telegráfico, a metáfora, bem como outros expedientes composicionais

no trabalho ficcional, de que se destacam o neologismo, a paródia, o humor e a ironia, os quais foram usados como forma de refletir sobre o Brasil, seus símbolos, seus mitos, suas tradições e sua história.

As décadas de 1920 e 1930 foram férteis na produção de romances, contos, novelas e tiveram, ao lado dos aspectos formais acima mencionados, dois registros essenciais: a viagem e as experiências sociais. Os destinos do escritor-viajante incluíam tanto o Brasil profundo quanto os territórios internacionais, especialmente a Europa. É nesse ritmo que, por exemplo, as notas das viagens etnográficas de Mário de Andrade foram transformadas no livro *O turista aprendiz* (1976), publicado postumamente, e *Macunaíma* (1928) perambula por diversos lugares até chegar à cidade de São Paulo. Podemos ainda nos lembrar de Alcântara Machado, que transformou o seu itinerário pela Europa no livro *Pathé-Baby* (1926), e Oswald de Andrade, que, usando da livre

imaginação, fez de *Serafim Ponte Grande* (1933) e *Memórias sentimentais de João Miramar* (1929) obras em que o movimento constante das personagens mostrasse claramente a estética também transitória da criação. Em síntese, o périplo das personagens pelas cidades suscitou a reconfiguração dos relatos tradicionais de viagem. A simultaneidade dos espaços – largamente aproveitada como recurso ficcional – levou ao extremo a fantasia e o fragmento como



forma e como técnica e possibilitou a exploração de novos meios narrativos.

Na prosa experimental dos anos de 1920, captar o ímpeto da cidade foi uma das marcas da produção ficcional e, de certa maneira, abriu caminho para explorar as transformações da linguagem. Esse foi o caso de *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), de Alcântara Machado; mas também foi o meio explorado pelo ciclo dos romances regionalistas, que tem em *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, seu ponto de partida, anunciando a simultaneidade de explorações técnicas para pensar ficcionalmente os dilemas e as experiências sociais brasileiras em outros eixos geográficos.

Assim, para além da centralidade paulista do modernismo, aquilo a que se convencionou chamar de “romance regionalista de 1930” trouxe para o público uma explosão de romances. Ao lado de José Américo de Almeida, a prosa de ficção brasileira conheceu nomes de

Assim, para além da centralidade paulista do modernismo, aquilo a que se convencionou chamar de “romance regionalista de 1930” trouxe para o público uma explosão de romances.

alta envergadura, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Cornélio Penna, Lúcio Cardoso, Érico Veríssimo e Jorge Amado, para citar alguns. São escritores que construíram obras que abordam o panorama histórico-social a partir de ângulos individuais e por caminhos distintos do radicalismo experimental dos escritores de 1922. Por um lado, os traços modernistas deitaram raízes na cultura da inovação ficcional; por outro, o chamado “romance de 30”, definido a partir das conquistas modernistas, adquiriu feição própria ao aprofundar o conhecimento do país de modo

mais problematizador do que utópico.

A análise da prosa de ficção modernista pode ser melhor aproveitada da perspectiva do seu enraizamento e difusão, pelo tratamento da linguagem e pela reflexão dos problemas nacionais em que foram esboçados os modos e os instrumentos de ação, tocando no nervo da crítica tradicional: a relação entre localismo e cosmopolitismo. As técnicas de composição adquiridas pela linguagem do jornal e do cinema vincularam-se à produção ficcional e deram ênfase aos temas e problemas nacionais largamente explorados.

Os grupos construídos pelas propostas de vanguarda estavam atentos à técnica, por meio da qual consideraram a problemática conceitual do gênero. A ficção, nesse contexto, não era mais concebida a partir de um universo completo, mas, sim, fragmentado.

Em síntese, os grupos construídos pelas propostas de vanguarda estavam atentos à técnica, por meio da qual consideraram a problemática conceitual do gênero. A ficção, nesse contexto, não era mais concebida a partir de um universo completo, mas, sim, fragmentado.

Nesse contexto, as revistas, como suporte de publicação, devem ser alvo da nossa atenção porque foram mecanismos de dissolução de fronteiras, já que publicavam simultaneamente trechos de romances ao lado de outras

expressões artísticas. O já mencionado *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, teve a sua primeira versão fragmentariamente publicado em revistas da época: um fragmento de “O meridiano de Greenwich” foi ao público na revista *Terra Roxa e Outras Terras* (1926); o fragmento “Os esplendores do Oriente” saiu em *Verde* (nov. 1927) e somente em 1933 seria publicado na forma de livro.

A prosa fluida e fragmentária dos modernistas, a exploração da viagem como tema e como técnica, a reflexão sobre o Brasil e a

linguagem foram meios de exercício inovador de escrita e de discussão de vivências sociais distintas.

As múltiplas interpretações de imagens do país pela libertação dos gêneros estanques (codificados por procedimentos formais das vanguardas) sedimentaram a renovação literária e cultural.

Como se vê, seja na poesia, seja na prosa de ficção, as características centrais do modernismo brasileiro se enraizaram na cultura brasileira do século XX e se afiguram ao século XXI como um legado de primeira ordem. Cabe ao presente definir novamente o sentido dessas conquistas.

SOBRE OS AUTORES

LEANDRO PASINI



É professor de literatura brasileira na Unifesp. É autor de A apreensão do desconcerto: subjetividade e nação na poesia de Mário de Andrade (Nankin, 2013) e Prismas modernistas: a lógica dos grupos e o modernismo brasileiro (Editora da Unifesp, no prelo).

MIRHIANE MENDES DE ABREU



É professora de literatura brasileira da Unifesp. Graduada em letras pela UFF (Universidade Federal Fluminense), é mestre e doutora em teoria e história literária pela Unicamp, onde também realizou o pós-doutorado. Efetuou pesquisas em várias instituições, com destaque para Bibliothèque Nationale de France, Archives Littéraires Suisses e na Universidade Paris 3 (Sorbonne Nouvelle). É colaboradora externa do Instituto de Estudos Literários e da Tradição, da Universidade Nova de Lisboa, e pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Entre 2014 e 2016, participou como membro do júri inicial do Prêmio São Paulo de Literatura. Atualmente, integra a Coordenação de Área de Ciências Humanas e Sociais II da Fapesp.



PEDRO MARQUES

Escrevendo a leitura: oficinas de criação literária e crítica

O projeto *Literatura Brasileira no XXI*, parceria do curso de letras da Unifesp com a SP Leituras, desde o início teve um alvo: encantar leitores para a literatura, principalmente aquela que impacta ou se publica neste século, de modo que os textos constitutivos do nosso tempo encontrassem os olhos curiosos de toda gente. Dentre as ações imaginadas, sendo a principal a construção de um site com identidade e dinamismo, começamos a arquitetar oficinas que funcionassem como diálogos entre escritores, professores, pesquisadores, alunos de variados níveis, leitores, enfim, curiosos ou iniciantes na leitura literária.

Oficinas, portanto, baseadas em ações de múltiplas mãos, isto é, o oficineiro compartilharia conhecimentos e materiais com os participantes, respeitados em suas histórias, provocados a se tornarem agentes de reflexões a partir da leitura dos outros e de si mesmos. Ou seja, fazer uma das oficinais significaria produzir textos, orais ou escritos, de literatura e sobre literatura – afinal, a experiência leitora pode ser tanto mais

Ler escrevendo consigo e com os outros, em lugar da leitura enquanto download de conteúdos – como se isso fosse possível –, foi o princípio norteador do trabalho desde a primeira oficina, da escolha dos nomes ao modo de roteirizar as ações.

autoral se desdobra em outros textos, ainda que para uso próprio ou circulação entre colegas da atividade.

Ler escrevendo consigo e com os outros, em lugar da leitura enquanto *download* de conteúdos – como se isso fosse possível –, foi o princípio norteador do trabalho desde a primeira oficina, da escolha dos nomes ao modo de roteirizar as

ações. Nem a pandemia arrefeceu tal desejo de fazer dos leitores também escritores, ainda que amadores. Ao contrário, em meio às incertezas do primeiro semestre de 2020, com o coronavírus ceifando ou prendendo tantos sonhos-passarinhos em casa, era preciso agir *rápido*.

Os coordenadores da Unifesp (para citar os professores que estiveram na gênese do projeto: Luís Fernando Teles, Rodrigo Cerqueira, Simone Nacaguma e este autor) e a equipe de programação e projetos da SP Leituras (dentre tantos envolvidos, é preciso destacar a determinação de Genésio Manoel e Silva, Giovanna Sant’Ana e Velber Thiago Alves de Melo, experientes com públicos de bibliotecas) desenvolveram como que uma vacina contra o isolamento sem leitura física compartilhada: as oficinais funcionariam on-line, cumprindo um serviço social agora ainda mais premente, o de levar pessoas a se sentirem parte de uma comunidade leitora, profundamente abalada pela crise sanitária mundial.

Antes mesmo da pandemia, o

plano era associar cada oficina, em geral com 12 horas de duração, a alguma efeméride do mês. Se julho, por exemplo, é *marcado* pelos Jogos Olímpicos (que, aliás, acabaram adiados de 2020 para 2021) ou a Copa do Mundo de Futebol, por que não uma atividade para se pensar a poesia enquanto jogo de linguagem, forma de disputar significados e sensibilidades? Primeiro oficinairo, Marco Catalão foi o desbravador, com “A poesia do jogo ♫: O jogo da poesia”, a partir da qual passamos a notar inscritos vindos de todo país e até do exterior (link com resultados da oficina ao final do texto).

Por conta do Dia Internacional da Igualdade da Mulher, 26 de agosto, Carina Carvalho esteve à frente de “Críticas sem crise: da poesia à prosa”, que pensou a autoria feminina na literatura brasileira. Destaque-se a resenha de Carolina Margiotte Grohmann para o livro-reportagem *Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*, de Eliane Brum. Por intermédio do site, o texto chegou à

premiada jornalista que o divulgou em suas redes sociais, para alegria da aluna e de todos nós. Vale a pena conferir (link ao final do texto).

Para a produção de resenhas, a ideia foi valorizar as diferentes experiências de leitura dos participantes. Isso significou, sobretudo no contexto pandêmico em que tudo aconteceu, nos encontrar de uma forma outra com a palavra: exercitando nossa postura crítica sem deixar de lado os espaços de escuta interna e externa sobre os espantos e encantos tão próprios da literatura. Naqueles sábados, através das telinhas, foi possível apurar nosso olhar para as obras e partilhá-lo, num esforço de aprofundar o entendimento e que passou também pelo nosso campo de afetos – literários e de outras matérias.

Carina Carvalho

O Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, 10 de setembro, motivador da campanha Setembro Amarelo, orientou Fábio Martinelli Casemiro em “Arte poética: demência ou sobrevivência?”. Levando os participantes a escreverem poemas, a experiência resultou num



encontro de indivíduos com sentidos íntimos de cada ato de leitura. Num isolamento social jamais experimentado pelas gerações vivas, ler em livros ou outros suportes retomou a ideia de que a leitura, além do conteúdo narrativo ou formal, pode ser terapêutica ou, no mínimo, um acesso ao mar de nossas idiossincrasias, como no poema “Vértebras da consciência”, de Maria Aparecida A. Fontenele (link ao final do texto).

***Bem traídos por nós mesmos,
partimos a engravidar os poemas
e, agudamente surpresos com o
que não havíamos enxergado,
começamos por fermentar novos
sentidos: na alquimia da literatura,
nada se perde, tudo se deforma.
Ninguém nasce poeta, se afirma
poeta. Em nossa oficina não
consertamos poemas, nós nos
desconcertamos para fecundar
as palavras.***

Fábio Martinelli Casemiro

As três oficinas aconteceram enquanto o site *Literatura Brasileira no XXI* era projetado. Com a estreia em outubro de 2020, os conteúdos dessas atividades foram ao ar juntos. Funcionando como pilotos, elas nos ajudaram com duas definições.

Primeiramente, pensar um fluxo de trabalho. A ação ocorre com antecedência, para que as produções de cada oficina possam, no mês da efeméride, constar no site. O oficinheiro convidado começa propondo um roteiro de trabalho, sob curadoria da coordenação do projeto. Nesse documento, além de objetivos, métodos e outras informações, o ministrante indica quatro livros para compra dentro do tema, fazendo com que cada oficina também colabore para os acervos da Biblioteca de São Paulo (BSP) e da Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL). O desafio era bonito e difícil, com todos trabalhando de casa, aprendendo a usar tecnologias disponíveis para cursos, palestras, oficinas ou congressos online. De modo ágil, desenvolvemos juntos uma rotina para viabilizar essas

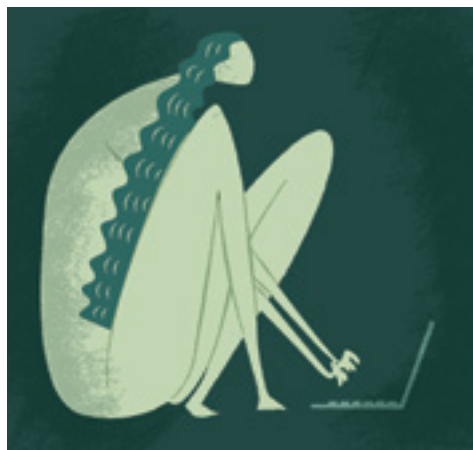
O desafio era bonito e difícil, com todos trabalhando de casa, aprendendo a usar tecnologias disponíveis para cursos, palestras, oficinas ou congressos online. De modo ágil, desenvolvemos juntos uma rotina para viabilizar essas ações, que acabou rompendo as barreiras da cidade e mesmo do Estado de São Paulo.

ações, que acabou rompendo as barreiras da cidade e mesmo do Estado de São Paulo.

Em segundo lugar, criou-se um padrão para conteúdos publicados a cada oficina, sob orientação da equipe de comunicação da SP Leituras.

Esses conteúdos incluem:

- 1) texto de destaques, escrito por um dos coordenadores do projeto;
- 2) editorial, assinado pelo oficinairo ou, em certos casos, por um dos coordenadores;
- 3) minibiografia do oficinairo;
- 4) foto, com créditos, do ministrante;
- 5) textos dos participantes (principal produto das oficinas)



produzidos dentro das atividades, sob orientação do responsável pela oficina. Para isso, a equipe da SP Leituras recolhe as autorizações de publicação, excluindo autores que não mandarem o documento assinado; a coordenação do projeto revisa e eventualmente exclui algum texto; e, finalmente, dá-se a publicação no site, sob os cuidados da equipe de comunicação e com belas ilustrações de Fernando Siniscalchi.

Fechamos 2020 com duas oficinas. Maurina Lima trabalhou o tema “Escrever memórias em contos, diários, cartas, poesia e crônicas”. Conectada ao Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, a oficina buscou a literatura afro-brasileira. Os participantes, para além disso ou por isso mesmo, colocaram em prosa e verso as próprias lembranças, algumas para fazer do coração uma caixinha de música triste, como “Joguinho da semântica”, por Suelen Santana. Meses depois, o texto gerou um vídeo produzido pela SP Leituras e apresentado no Congresso Acadêmico da Unifesp 2021 – Universidade em Defesa da Vida. Contando com

oficineiros, alunos e colaboradores, essa performance coletiva virtual, no fundo, representa todos os que tornaram possível o projeto *Literatura Brasileira no XXI* (link para a performance ao final do texto).

A declamação de um poema passa pela interpretação e, de algum modo, identificação com a temática. Ao mesmo tempo, é tarefa desafiadora que ganha colorido especial quando feita em grupo, como foi a proposta em questão. E quando se trata de um poema como “Joguinho da semântica”, a projeção para a voz, seja de maneira intercalada, seja sobreposta, é uma saída acertada, já que trouxe para perto as muitas vozes, ou melhor, a voz de cada um de nós que passou por esse tempo tão difícil de crise sanitária, perda de entes queridos, isolamento social e problemas socioeconômicos.

**Carolina Camargo
Soares Figueiredo**



“O texto desvendado: estratégias discursivas em diferentes gêneros textuais”, de Lilian Borba, mostrou que, para iluminar os sentidos de um texto, usamos várias lanternas, mas sobretudo a luz de nossas histórias e experiências, a nos fazer sujeitos pelas inusitadas rotas da leitura. Nesse sentido, ler o mundo, um romance ou uma canção, e com isso encontrar nossa identidade, também é um entre os direitos humanos, cuja Declaração Universal celebra-se no dia 10 de dezembro. Nota-se bem esse espírito nos comentários de Raiany P. Gremes sobre *Estação Carandiru*, de

Concluindo o período experimental, ainda em 2020 iniciamos o planejamento de 2021, com a meta de uma oficina/mês. Tudo estruturado, os proponentes podiam consultar roteiros, criações e editoriais realizados anteriormente.

Dráuzio Varella, e *Diário de um detento*, de Jocenir Fernandes e Mano Brown (link ao final do texto).

Concluindo o período experimental, ainda em 2020 iniciamos o planejamento de 2021, com a meta de uma oficina/mês. Tudo estruturado, os proponentes podiam consultar roteiros, criações e editoriais realizados anteriormente. Os interessados, antes da inscrição, tinham o site para navegar e curtir os resultados. Havia já uma cultura de oficinas implantada, consolidada também pelo importante trabalho

de comunicação da SP Leituras. Em alguns casos, foram realizadas entrevistas comicineiros, publicadas durante as atividades. Canais no Facebook e no Instagram ampliaram o interesse no projeto. E outras mídias passaram a solicitar os membros do projeto, como a Rádio Unesp FM.

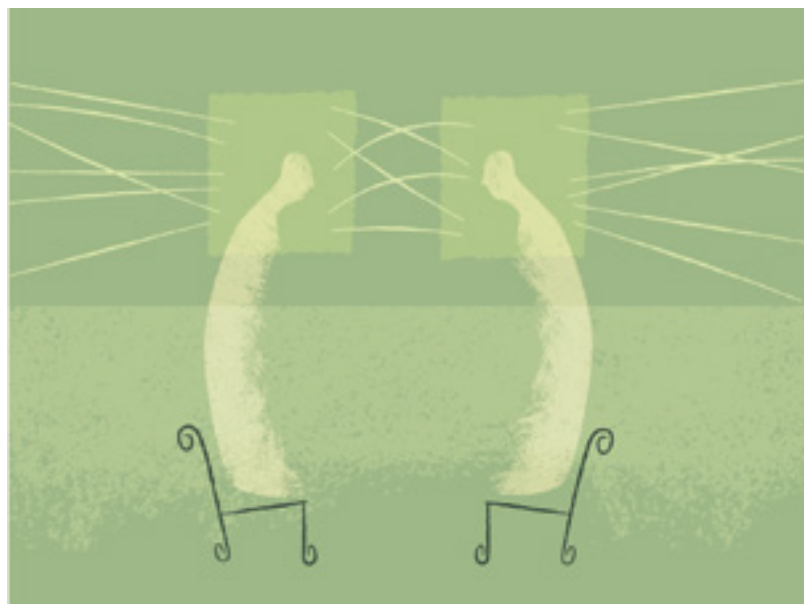
Começamos 2021 ainda sem vacinas, mas confiantes. Era o primeiro ano cheio de oficinas. Mês de férias, o 7 janeiro trazia o Dia do Leitor. Uma das expressões potentes da cultura brasileira, a

canção, seria apresentada como desafio de leitura, pelas letras poéticas, pela emoção de seus diferentes arranjos, interpretações e gravações. Ela sai então dos bastidores para tocar a oficina “O que tem de música num poema?”, mostrando que a musicalidade de uma canção ou poema começa na entonação das palavras. Encorajados, os participantes, mesmo os sem formação musical, sentiram a cantoria de cada texto. Foi assim que Jéssica Aline Ferreira Felix aceitou o convite para dançar com “Enlace da Lira”, de Mauro Sta. Cecília (link ao final do texto).

O Carnaval, geralmente em fevereiro, desfilou em “História e escrita de crônicas: um percurso pelo festejo a partir da produção cultural realizada no Brasil do Império à Quarta República”. Danielle Crepaldi Carvalho discutiu as representações carnavalescas na literatura brasileira. Com o evento cancelado, por conta da pandemia, os participantes deram asas às suas memórias de foliões, por ora, contidos no bloquinho dos sofás.

Um legado de crônicas saborosas, como a de Rivaldo Soares, “Beija-homem” (link ao final do texto).

Como em 22 de março comemorasse o Dia Mundial da Poesia, Érico Nogueira ofertou “O poeta é um fazedor: ritmos antigos e versos contemporâneos”, com que colocou em prática os exercícios de seu livro *O esmeril de Horácio: ritmo e técnica do verso em português*, lançado em 2020. O Dia do Livro Infantil, a 18 de abril,



foi celebrado com “Um brinquedo chamado livro – as possibilidades do livro infantil que extrapolam a narrativa escrita”, de Fabiano Fernandes Garcez. O Dia do Trabalho, o 1º de maio, foi discutido por Milena Mulatti Magri e Gustavo Scudeller em “Personagens do trabalho”. Além



de ser a primeira oficina ministrada em dupla, os minicontos produzidos – a que chamamos “minicontos de trabalho”, em referências aos ancestrais “cantos de trabalho” – foram performados pela palhaça e pesquisadora Suelen Santana. Com produção da Comunicação da SP Leituras, cada um dos 15 textos foi divulgado ao longo de maio (link para os minicontos ao final do texto).

A partir do Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, 28 de junho, Rodrigo Ribeiro Barreto trouxe outra inovação. A oficina “O lugar LGBTQIA+ no videoclipe brasileiro contemporâneo” levou os participantes a resenham não obras literárias, mas essa que é uma das linguagens midiáticas centrais na difusão de canção popular e instrumento de luta dessa comunidade ainda tão perseguida no Brasil. E, a partir do Dia Nacional da Ciência e do Pesquisador, 8 de julho, Tiago Germano preparou “A literatura como ciência e a ciência como literatura” – oficina necessária num

instante em que vacinas (segundo o negacionismo, novo nome para uma velha estupidez) perigam transformar gente em jacaré. O Dia Internacional dos Povos Indígenas, 09 de agosto, ecoou em “Indianismo da literatura brasileira”, outra oficina de Fábio Martinelli Casemiro, que dessa vez também mediou o webinar “Literatura indígena: a produção autoral contemporânea e seus ensinamentos”, com Julie Dorrico, ação do SisEB dentro da programação do Festival Literário do Vale do Ribeira 2021 (link ao final do texto).

O Dia Mundial da Alfabetização, 8 de setembro, foi o mote para Maurina Lima tematizar os “Analfabetos personagens da literatura: do estigma à vida”. Como pessoas pouco ou nada alfabetizadas, representadas por tantos personagens de nossa literatura, lidam com um meio letrado, inclusive oficial, que as ignora? Em tempos de aplicativos até para marcar o horário de vacinação, essa enorme população é não raro

A partir do Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, 28 de junho, Rodrigo Ribeiro Barreto trouxe outra inovação. A oficina “O lugar LGBTQIA+ no videoclipe brasileiro contemporâneo” levou os participantes a resenharem não obras literárias, mas essa que é uma das linguagens midiáticas centrais na difusão de canção popular e instrumento de luta dessa comunidade ainda tão perseguida no Brasil.

simplesmente invisibilizada. O Dia do Professor, 15 de outubro, ensejou uma oficina geminada a essa, por Lilian Borba. “Professores personagens da literatura: textos sobre outros textos” destacou o professor, ou a falta dele, em narrativas brasileiras. Transformadores de uma sociedade historicamente injusta, as condições de atuação de professoras e professores precisam estar sempre em pauta.

Em ambos os casos, os debates se valeram, dentre outros, do romance *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, em que uma personagem professora faz toda diferença num ambiente marcado por analfabetismo e violência agrária. Por isso, Maurina e Lilian, ao lado de outros convidados, participaram da mesa redonda virtual, ainda dentro do *Literatura Brasileira no XXI*, com esse importante escritor contemporâneo. As duas horas de



conversa, com momentos reveladores e até comoventes, estão disponíveis no canal da Biblioteca Parque Villa-Lobos (link ao final do texto).

A minha experiência com as oficinas de criação literária foi atravessada pela escrevivência no seu modo mais genuíno: a vida foi se fazendo texto enquanto a discutíamos, o texto foi se fazendo vida enquanto o escrevíamos. Há quem diga que o ser humano é ficcional por natureza (acredito que todos gostam de ouvir e contar, e até mesmo inventar uma boa história). Das realidades tão duras, o que resta senão criar boas histórias, deixar a experiência marcada no texto (que pode ser lugar seguro)? Memórias cruzadas – as minhas e as dos participantes – reativaram vivências, mas também reforçaram o poder criativo do esquecimento, pois, do que não se lembra, cria-se. E isso é Literatura.

Maurina Lima



A oficina instigou nosso olhar sobre esses sujeitos sociais que transitam por mundos e por ambientes diferentes, muitas vezes, alterando cenários. Durante as discussões sobre as obras, foi interessante observar que, em um país que enfrenta crises frequentes na área da educação como é o Brasil, professores ganham protagonismo nos enredos ainda que nem sempre sejam o foco das narrativas. Nos livros de ficção lidos e comentados, os professores foram narrados como uma das chaves tanto para se encontrar a saída de problemas quanto para a construção de cidadania. Acompanhar e analisar a construção desses sujeitos-personagens na literatura brasileira ao longo dos últimos 150 anos é entender um pouco mais os caminhos trilhados por nossa sociedade no que diz respeito à escolarização formal e à formação cidadã.

Lilian Borba

Entre maio de 2020 e outubro de 2021, o projeto levou a termo 17 oficinas. Foram mais de 400 participantes para mais de 700 inscritos. Uma média de quase 25 alunos ativos por oficina.

Concluindo as ofertas do ano com resultados publicados ainda em 2021, tivemos as duas primeiras oficinas presenciais. Na Biblioteca São Paulo, Lígia Ferreira Fonseca comandou a “Inspiração Luiz Gama: escrever sobre si, o Brasil e o mundo hoje”. Nada mais apropriado para refletir o 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, do que tratar da atual influência, na literatura e no pensamento nacionais, desse

notável abolicionista. Tanto melhor que tal foi conduzido pela grande estudiosa de Gama, a qual trouxe uma reflexão inédita como editorial de sua oficina ([link ao final do texto](#)).

Suelen Santana, que fora das partícipes mais efetivas das oficinas, pós-graduanda em letras pela Unifesp, assumiu o leme de ação conectada ao Dia Universal do Palhaço, 10 de dezembro. Em “Foto-resenha: uma performance a partir da poética de Manoel de Barros”, ela solicitou aos alunos fixar suas sensações acerca da leitura de poesia, mas não em forma de outro texto verbal. Os participantes foram instados a produzir máscaras – todo poeta e todo leitor vestem as suas, não? –, depois fotografadas em pontos do Parque Villa-Lobos, agora devolvido a seus frequentadores ([link para as fotografias produzidas por Suelen, em parceria com a equipe da SP Leituras, ao final do texto](#)).

Entre maio de 2020 e outubro de 2021, o projeto *Literatura Brasileira no XXI* levou a termo 17 oficinas.

Foram mais de 400 participantes para mais de 700 inscritos. Uma média de quase 25 alunos ativos por oficina. São números a se comemorar, quando pensamos nas condições adversas da pandemia, tanto para nós que organizamos as ações de casa quanto para os participantes, que ou desconfiavam das plataformas para reuniões virtuais ou ainda temiam sair de casa para encontrar a leitura e a escrita em grupo.

O ano de 2022 chega com duas efemérides gigantescas: os 200 anos da Independência do Brasil e o centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo. A Semana já inspira as primeiras oficinas a terem seus conteúdos expostos no site. A Independência nos instiga a pensar que não há povo livre sem a leitura dos textos que pulsam seu país, ou dos contextos que definem seu destino.

SOBRE O AUTOR

PEDRO MARQUES



É professor de literatura brasileira da Unifesp. Atua no estudo, crítica, composição e apreciação de poesia e canção. Um dos coordenadores do projeto Literatura Brasileira no XXI, parceria da Unifesp com a SP Leituras. Autor ou participante dos livros: *Antologia da poesia parnasiana brasileira (crítica e organização, 2007)*, *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz (estudos, 2008)*, *Manuel Bandeira e a música (ensaio, 2008)*, *Clusters (poesia, 2010)*, *Olegário Mariano (crítica e organização, 2012)*, *Cena absurdo (poesia e música, 2016)*, *Encurralada (poesia, 2020)*, *Hidra vocal: estudos sobre retórica e poética (estudos, 2020)* e *Saques & Sacanagens: ensaio das dores brasis (ensaio poético, 2021)*.

LINKS DAS OFICINAS

Oficina “A poesia do jogo :: O jogo da poesia”: <https://lbxxi.org.br/publicacao/sobre-o-jogo-da-poesia>

Oficina “Críticas sem crise: da poesia à prosa”, resenha de Carolina Margiotte Grohmann:

<https://lbxxi.org.br/arquivos/publicacoes-1000-carolina-grohmannresenhabrasilconstrutorderuinas.pdf>

Oficina “Arte poética: demência ou sobrevivência?”, poema “Vértebras da consciência”, de Maria Aparecida A. Fontenele: <https://lbxxi.org.br/arquivos/publicacoes-1010-mariaapafontenelevertebrasdaconsciencia.pdf>

Oficina “Escrever memórias em contos, diários, cartas, poesia e crônicas”, performance a partir do poema “Joginho da semântica”, de Suelen Santana: https://www.youtube.com/watch?v=DVFA1NMf_Ys

Oficina “O texto desvendado: estratégias discursivas em diferentes gêneros textuais”, texto de Raiany P. Gremes: <https://www.lbxxi.org.br/arquivos/publicacoes-1018-raiany-p.-gremes.pdf>

Oficina “O que tem de música num poema?”, texto de Jéssica Aline Ferreira Felix: <https://lbxxi.org.br/arquivos/publicacoes-1022-jessica-aline-ferreira-felix1.pdf>

Oficina “História e escrita de crônicas: um percurso pelo festejo a partir da produção cultural realizada no Brasil do Império à Quarta República”, crônica “Beija-homem”, de Rivaldo Soares: <https://www.lbxxi.org.br/arquivos/publicacoes-1025-rivaldo-soares.pdf>

Oficina “Personagens do trabalho”, minicontos performados por Suelen Santana: <https://www.youtube.com/watch?v=9pIDSZeL7aI&list=PLRJUM3kiOMejzWka6FOjeoqdneX5-aaqA>

Oficina “Indianismo da literatura brasileira”, webinar “Literatura indígena: a produção autoral contemporânea e seus ensinamentos”:
<https://www.youtube.com/watch?v=zFOtyIL16kI&t=10s>

Oficinas “Analfabetos personagens da literatura: do estigma à vida” e “Professores personagens da literatura: textos sobre outros textos”, Roda de Conversa com Itamar Vieira Junior:
<https://bvl.org.br/noticia/itamar-vieira-junior-traca-dialogo-de-sua-obra-com-questoes-sociais-da-atualidade>

Oficina “Inspiração Luiz Gama: escrever sobre si, o Brasil e o mundo hoje”, texto de Ligia Ferreira Fonseca:
<https://lbxxi.org.br/publicacao/inspiracao-luiz-gama-chama>

Oficina “Foto-resenha: uma performance a partir da poética de Manoel de Barros”: <https://lbxxi.org.br/publicacao/foto-resenha-performance-nascida-da-poesia>

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

João Doria

Governador do Estado

Rodrigo Garcia

Vice-Governador do Estado

Sérgio Sá Leitão

Secretário de Cultura e Economia Criativa do Estado

Cláudia Pedrozo

Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa do Estado

Frederico Mascarenhas

Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa do Estado

Christiano Lima Braga

Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura

SP LEITURAS
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECAS E LEITURA

Conselho de Administração

Marino Lobello (Presidente)
Arnaldo Spindel (Vice-presidente)
Afonso Borges
Carlos Wendel Magalhães
Giovanna Sant'Ana
(Representante dos funcionários)
Marcelo Tas
Marisa Barros de Moura
Ricardo de Medeiros Ramos Filho
Ude Baldan
Valéria Martin Valls

Conselho Fiscal

Dennis Giacometti
Flávio Mendes Bitelman

Diretor Executivo

Pierre André Ruprecht

Diretor Administrativo-financeiro

Miguel Martin Gutierrez Filho

Superintendente de Biblioteca

Sueli Marcondes Motta

Gerente de Programas e Projetos

Giovanna Sant'Ana

Gerente de Comunicação

Acácia Dourado

Gerente de Acervo

Hosana de Moraes Santos

Gerentes de Programação e Produção

Genésio Manoel e Silva

Priscila Ynoue

Gerente de TI

Marcos Coelho

Gerente Administrativo-financeira

Silmara Novo

Gerente de Infraestrutura

João Conde

